



Feminæ

Dicionário Contemporâneo

João Esteves
Zília Osório de Castro
DIREÇÃO

Ilda Soares de Abreu
Maria Emília Stone
COORDENAÇÃO



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros



Podem ser reproduzidos pequenos excertos desta publicação, sem necessidade de autorização, desde que se indique a respetiva fonte.

Os conteúdos apresentados não exprimem necessariamente a opinião da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Título

Feminae

Dicionário Contemporâneo

Direção

João Esteves e Zília Osório de Castro

Coordenação

Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone

Preparação da edição

Divisão de Documentação e Informação

1.ª edição

dezembro, 2013

COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO

www.cig.gov.pt

Avenida da República, 32, 1.º, 1050-193 Lisboa – Portugal

Tel.: (+351) 217 983 000

Fax: (+351) 217 983 098

E-mail: cig@cig.gov.pt

Delegação do Norte:

Rua Ferreira Borges, 69, 2.º C, 4050-253 Porto – Portugal

Tel.: (+351) 222 074 370

Fax: (+ 351) 222 074 398

E-mail: cignorte@cig.gov.pt

Aplicação do acordo ortográfico, pré-impressão, impressão e acabamento

Editorial do Ministério da Educação e Ciência

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal

368 238/13

ISBN

978-972-597-372-1 (impresso)

978-972-597-373-8 (pdf)



João Esteves e Zília Osório de Castro
(direção)

Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone
(coordenação)

Feminae Dicionário Contemporâneo

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género
2013



ta na mesma data, constando o caso do Processo 4289.

Bib.: Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, *Presos Políticos no Regime Fascista II - 1936-1939*, Mem Martins, 1982, p. 407.

[J. E.]

Maria Carolina Bressane Leite Perry de Sousa Gomes

Conhecida em família por Caró, foi a fundadora das Criaditas dos Pobres. Era filha do doutor Francisco José de Sousa Gomes e de Maria Brígida Bressane Leite Perry. Nasceu em Coimbra, a 19 de outubro de 1892, e ali faleceu, a 27 de maio de 1969, sendo a sexta filha do casal. Frequentou, em Coimbra, o Colégio da Rainha Santa Isabel. A diretora desta instituição de ensino era D. Ludovina do Carmo Pereira das Neves* que, posteriormente, o entregou às Irmãs de S. José de Cluny. Maria Carolina tinha a paixão dos pobres e sentiu despertar em si a vocação religiosa muito cedo. Desejou entrar para a Congregação das Irmãzinhas dos Pobres, mas a mãe desaconselhou essa decisão, embora incentivasse a atividade preferida da filha – acudir aos carenciados, a quem dava esmolas e prestava serviços. Conhecedor desses gostos e capacidades, o médico Elísio de Moura, diretor do colégio de meninas órfãs Asilo da Infância Desvalida, convidou-a para orientar a casa, em 1923. No dia 1 de novembro desse ano, Maria Carolina iniciou as novas funções, que cumpriu corajosamente, enfrentando as maiores dificuldades – medo de se encontrar só naquele casarão; medo das trovoadas; carência de conforto e dinheiro. A fim de poder continuar a visitar os indigentes, pediu ajuda a parentes e amigos. Em 1929, escreveu a Luísa Maria Langstroth Figueira de Sousa do Padre de Mesquita e Melo, rogando-lhe que a Obra que fundara e que ficou conhecida pelo seu próprio nome – Obra de Luísa Andaluz – tomasse conta do Asilo da Infância Desvalida. O pedido de Maria Carolina de Sousa Gomes foi atendido, ficando esta e mais duas amigas disponíveis para acudir aos pobres, que abundavam em Coimbra, adultos e crianças. Passaram as três a residir num exíguo compartimento cedido pelo Asilo. Aí rezavam e repousavam; daí saíam ao serviço dos desprotegidos, vestidas modestamente. Depois de um retiro decisivo, em 1930, Caró e as companheiras transferiram-se para residência própria. Foi a partir dessa data que a comunidade apelidada de Congregação das Criaditas dos Pobres se de-

envolveu e evoluiu. O que começara por ser uma simples associação de fiéis, passou, depois, a Pia União e, finalmente, em 1965, a congregação religiosa de Direito Diocesano. Maria Carolina foi a primeira superiora-geral, desde a fundação até à sua morte, em 1969. De imediato, foi substituída por uma das companheiras da primeira hora, Maria Clementina Ferreira Pinto Basto Couceiro da Costa*, que veio a renunciar ao cargo, por motivos de saúde, em 1973.

Bib.: Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro, *Maria Carolina Sousa Gomes e as Criaditas dos Pobres*, Aveiro, Depositária Livraria Santa Joana, 1987.

[I. L.]

Maria Carolina Frederico Crispim

1. Infância e juventude. Conhecida pelo pseudónimo Maria Veleda, nasceu em 26 de fevereiro de 1871 no seio de uma família da classe média, muito conceituada no meio social e cultural da capital algarvia. O pai, João Diogo Frederico Crispim, proprietário e negociante, desempenhou as funções de vereador, procurador fiscal e vice-presidente da Câmara Municipal de Faro. Foi também o responsável cultural pela Sociedade Teatral de Faro, fundada pelo Dr. Justino Cúmano, proprietário do Teatro Lethes. A mãe, Carlota Perpétua da Cruz Crispim, era uma senhora de origem burguesa, com uma educação “convencionalmente religiosa”, o que não constituiu qualquer entrave à sua adesão ao Livre-Pensamento e aos ideais feministas quando, anos mais tarde, acompanhou a filha em todas as lutas e causas a que se dedicou, sendo a sua companhia e amparo nos bons e maus momentos. Maria Veleda frequentou um colégio particular dos três aos seis anos e os restantes estudos fê-los em casa com professores do ensino livre. Aos quatro anos sabia ler e escrever, competências que adquiriu quase sozinha ao folhear os livros que lhe davam para se distrair a “ver as estampas”. Teve uma infância feliz, educada entre a liberdade proporcionada pelo pai e o frio convencionalismo da mãe, da avó e da irmã, quinze anos mais velha. Todavia, a influência paterna foi predominante. A paixão pelo teatro, cultivada por toda a família Crispim, foi também herança paterna, pois foi pela mão do pai que, aos sete anos, se estreou no Teatro Lethes, representando um pequeno papel na peça *Lenço Branco*. Esta e outras experiências na infância e na juventude levá-la-ão, mais tarde, a escrever e a representar peças teatrais de cariz educativo, revolucionário, feminista e contestatário. Aos 11

anos, a felicidade da infância foi abruptamente interrompida com a morte do pai. Ao sofrimento causado pela perda juntar-se-ão algumas alterações na vida familiar, por dificuldades económicas e mudança de estatuto social. Em 1888, a mãe, preocupada com a perda da fortuna, decidiu internar o filho, então com 12 anos, no Seminário Episcopal de Faro. Seguindo a carreira eclesiástica seria, no futuro, o amparo da irmã caso ela ficasse solteira. As visitas frequentes ao irmão desenvolveram o misticismo de Maria Veleda, fazendo-a acreditar que a sua fé era cada vez mais profunda e fervorosa. Chegou a querer professar, mas monsenhor Joaquim Maria Pereira Boto demoveu-a de tal intenção e aconselhou-a a casar e a ter filhos, porque “essa é a mais nobre missão da Mulher”. Nas idas ao Seminário, conheceu Cândido Guerreiro que também aí se encontrava, internado quase à força, pelo pai, para terminar os estudos liceais e que dava os primeiros passos nos caminhos da poesia. Desse conhecimento surgiu, mais tarde, uma paixão que será única e eterna. Entre estas vivências, arroubois místicos e sentimentos desencontrados, firmou o propósito “de trabalhar e de tornar-se independente pelo próprio esforço”. Escolheu ser professora, começando pelas explicações particulares e enveredando, depois, pelo ensino primário livre. Aos 19 anos, tendo já a responsabilidade de granjear o seu sustento e ajudar a família, adoptou uma criança de 14 meses, filho de uma empregada da casa que, no leito de morte, lhe pediu que olhasse por ele. Luís Frederico Viegas foi criado e educado por ela com verdadeiro amor maternal, a ponto de muitas vezes se interrogar se aquele filho “não seria realmente seu”. Quando, em 1899, nasceu o seu filho biológico não descurou a atenção e desvelo que sempre dispensou ao filho adotivo. Fê-lo padrinho do recém-nascido para reforçar os laços afetivos entre os dois e o responsabilizar mais diretamente pelos cuidados do seu crescimento e educação. Nos momentos de maior apreensão em relação ao futuro desconhecido, animava-a a ideia de que o Luís seria o amparo do pequenino Cândido, se ela lhes faltasse. Maria Veleda refere nas “Memórias” que desde muito jovem acalentava o sonho de ser escritora. Aos 15 anos escrevia contos e poesia que foi guardando na gaveta e burlando até se estrear no jornal *O Distrito de Faro*. Aí manteve uma colaboração assídua, publicando crónicas literárias e o folhetim “Soror Angústias”, assinando com os pseudónimos Maria Veleda e Eva de Val-Flor, respetivamente. Quase

em simultâneo, colaborava no quinzenário *Pequeno em Tudo* e em *O Almanaque de S. Braz de Alportel*, assinando como Maria Carolina Frederico Crispim. Até à viragem do século, publicou poesia, contos, crónicas e artigos nos periódicos *O Repórter*, *O Algarve e Alentejo*, *A Tarde*, *O Algarve*, *O Cruzeiro do Sul*, *O Lidador*, *A Folha de Beja*, *Almanaque das Senhoras*, *Germinal*, *A Nova Aurora* e *O Círculo das Caldas*. A julgar pelas assinaturas usadas neste início de carreira literária, terá tido algumas hesitações quanto ao pseudónimo a adotar. Todavia, foi como Maria Veleda que, ao longo da vida, assinou a maioria dos seus escritos e passou a ser conhecida no espaço público. A escolha do pseudónimo Veleda, tendo como referência as fontes históricas e literárias que caracterizam a sacerdotisa insumissa ao Império Romano, como defensora das leis gaulesas que atribuíam poderes civis e políticos às mulheres, indicia uma precoce simpatia e adesão às ideias precursoras da emancipação feminina. Maria Veleda só voltou a usar o nome de batismo, esporadicamente, na segunda década do século XX. Nesse período, nas revistas *A ASA** e *O Futuro**, assinou também com os pseudónimos Fred, Luna, Eva de Val-Flor e Wasilisa, e na revista *Luz e Caridade e Ecos do Além* adoptou Myriam, enquanto em *A Vanguarda Espírita* constou também como José Veríssimo. **2. Entre a paixão da escrita e a dedicação ao ensino.** A atividade docente e o desejo de tornar-se escritora levaram-na a abandonar o Algarve e a deslocar-se até Lisboa, terra de maiores oportunidades e melhores perspectivas de futuro, onde permaneceu de 1889 a 1890. A experiência não foi muito feliz e, desiludida, regressou à terra natal. Seis anos depois, voltou a tentar a sorte na capital, onde viveu até 1899, dando explicações de Português, Francês e piano e aulas em colégios particulares, entre os quais, o Liceu Castilho, ao Conde Barão, reputado por ela como “acreditadíssima escola-modelo”. Nesse mesmo ano, rumou à aldeia de Odivelas, Ferreira do Alentejo, onde exerceu as funções de professora régia interina. Dois anos depois, ingressou no Colégio Moderno de Serpa, como professora do ensino particular. Preocupada com o analfabetismo feminino, criou cursos noturnos gratuitos para as raparigas camponesas, proporcionando-lhes instrução e educação, a fim de melhor desempenharem o papel de mães e educadoras e de se tornarem pessoas mais livres e autónomas. A par do ensino na escola primária, continuou a desempenhar grande atividade literária

nos jornais e revistas da região e do país. Entre 1900 e 1903, publicou, em *A Folha de Beja*, contos, poesia e uma série de artigos dedicados à educação das crianças, à emancipação feminina e ao combate à superstição, os quais denotam o perfil de uma educadora bem informada e empenhada na mudança, uma cidadã preocupada com as desigualdades sociais e uma defensora da dignificação e emancipação das mulheres através da instrução e do exercício de uma profissão. Simultaneamente, escreveu nas revistas *Ave Azul*, *Sociedade Futura*, *Lisboa Elegante*, *A Crónica* e *A Tradição*, publicada em Serpa por Ladislau Piçarra e Manuel Dias Nunes, republicanos e livres-pensadores de quem recebeu “as primeiras ideias emancipadoras”. Em 1902, publicou o opúsculo *Emancipação Feminina* e a coleção *Biblioteca Infantil-Contos Cor de Rosa*. Numa época em que a literatura infantil era quase inexistente em Portugal, à exceção de alguns contos publicados por Ana de Castro Osório, a imprensa elogiou a iniciativa e alguns críticos, como Gonçalves Dias, Rodrigues Davim e João Lúcio, exaltaram as qualidades da escritora e educadora. O contacto com as populações rurais permitiu-lhe conhecer melhor a verdadeira dimensão da pobreza e o elevado grau da ignorância que grassavam no país. Ciente de que a sua função de educadora não terminava na escola, procurou, através dos jornais, denunciar problemas, desigualdades e injustiças, questionar a sociedade e criticar o sistema educativo vigente por considerá-lo caduco e inadequado às exigências modernas. Defendia a instrução e a educação das raparigas e das mulheres, a fim de se valorizarem como pessoas, ganharem a autonomia económica, libertarem-se da tutela masculina e conquistarem a igualdade de direitos civis e políticos. Foi também neste período que entrou em polémica com Júlio Dantas e Angelina Vidal, nos jornais *A Tarde* e *O Mundo*, por se terem referido de forma depreciativa à luta pela emancipação feminina e criticado de forma “impiedosa” as mulheres ilustradas. Maria Veleda conciliava toda esta atividade com a sua recente maternidade, pois foi na aldeia de Odivelas que, em 1899, nasceu o filho, Cândido Guerreiro Xavier da Franca. O Alentejo deixar-lhe-á saudades e enternecidas recordações por lá ter vivido “o sonho mais radioso da sua juventude”; ser mãe e estar intensamente apaixonada pelo poeta Cândido Guerreiro. A relação amorosa parece ter esfriado após a ida deste para a Universidade de Coimbra, em 1902. Pouco depois, ela recusou o pedido de

casamento por não se julgar suficientemente amada e correspondida. Na sua perspetiva, um casamento devia basear-se no amor mútuo e não no sentimento da compaixão ou em meras convenções sociais. Invocando divergências inconciliáveis, manteve a recusa até ao fim. Um filho não justificava um casamento a qualquer preço. Escolheu um futuro incerto como mãe solteira; criou e educou o filho, sozinha. **3. A propagandista republicana.** Em 1905, Maria Veleda, desiludida e doente, abandonou o Alentejo e fixou-se definitivamente em Lisboa com a mãe e os dois filhos. Teve muitas dificuldades em arranjar emprego e por fim aceitou o lugar de professora num asilo, “a troco de um caldo”. Depois, transferiu-se para um colégio da Baixa, como professora interna, do qual foi despedida por a diretora a julgar tuberculosa. Vivendo em quartos alugados, começou a saga da procura de trabalho. Por um feliz acaso, alguém conhecido ofereceu-lhe o lugar de professora-regente no Centro Escolar Republicano Afonso Costa, dirigido pelo Dr. Alves Torgo. Para evitar desinteligências entre o filho e os alunos do centro, colocou aquele num estabelecimento de ensino da Rua Francisco Foreiro, propriedade do Dr. Agostinho Fortes, de quem se tornou amiga. Foi no Centro Republicano que Maria Veleda conheceu o patrono Afonso Costa, Ricardo Covões e outros dirigentes republicanos que aí se deslocavam para reuniões, para conversar e conspirar. Também aí começou a ler *O Século*, *O Mundo* e *A Vanguarda*, jornais que a mantinham informada sobre a política e as ideias republicanas. Estas leituras reavivaram-lhe o desejo de continuar a campanha “em prol da emancipação da mulher”, iniciada há muito noutros periódicos. Ofereceu a sua colaboração ao jornal *A Vanguarda*, a qual foi aceite pelo diretor Magalhães Lima. Iniciou assim, em 1906, a sua assídua colaboração neste periódico, no qual terá uma coluna própria destinada às mulheres, intitulada “Missa Democrática”. Após a publicação do segundo artigo sobre os ideais feministas, Botto Machado respondeu-lhe de forma provocatória para que a polémica despertasse o interesse das mulheres portuguesas pelos temas em questão, tencionando conceder-lhe a última palavra sobre o assunto. Pouco depois, viu-se envolvida noutra polémica, com Virgínia Quaresma, a propósito de algumas apreciações tecidas sobre o *Jornal da Mulher*, secção feminina do jornal *O Mundo*. Por vezes, Maria Veleda criticava o conteúdo de algumas secções femininas dos jornais por não irem muito

além das receitas de culinária, conselhos sobre moda, bordados e remédios caseiros, divulgação de poesia, contos e folhetins, o que não contribuía para a educação e emancipação das mulheres. Nesta troca de palavras e de algumas acusações notam-se divergências ideológicas sobre o feminismo, mas também questões pessoais mal resolvidas, talvez do tempo em que ambas frequentavam os serões literários de Olga Morais Sarmiento da Silveira. A escrita de Maria Veleda em *A Vanguarda* constitui uma peça fundamental para o conhecimento e compreensão do seu pensamento e um marco importante na difusão das ideias feministas, republicanas e anticlericais. Os temas tratados giravam, principalmente, à volta da educação das crianças, da emancipação feminina, do livre-pensamento, da missão social das mulheres, do sufrágio feminino e outros de cariz marcadamente político. Em 1906, propôs a criação de um Partido das Feministas e das Libertárias, por considerar que as teorias eram a boa semente da ação em que as mulheres se deviam envolver para a resolução dos problemas sociais. Em seu entender, não seria suficiente exigir a igualdade de direitos, seria também necessário agir para mudar. Mudar a mentalidade e as práticas familiares e sociais das mulheres, demonstrando, assim, que não eram autómatos escravizados à rotina, mas seres pensantes capazes de tomar decisões. Foi nesta época que Maria Veleda conheceu pessoalmente Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira, assim como Joana de Almeida Nogueira e o Dr. João Viegas de Paula Nogueira, cuja amizade seria para toda a vida. Mais tarde, nas "Memórias", recordará os "explêndidos serões" passados em casa de Ana de Castro Osório, em Setúbal, onde se lia e declamava poesia e se discutiam os mais variados assuntos literários. Foi também em 1906 que Maria Veleda se tornou oradora, pela mão de Botto Machado. O convite surgiu após alguns encontros em conferências e sessões públicas de propaganda republicana, a que ela compareceu, acompanhada da amiga Judite Pontes Rodrigues ou do filho adotivo, onde se conheceram pessoalmente, assim como conheceu Angelina Vidal, Magalhães Lima, Feio Terenas e Gregório Fernandes. A aventura que iniciava "no caminho ainda muito incerto e arriscado da República" levaram-na a vencer a timidez e a aceitar discursar sobre "O imposto de consumo" no Centro Republicano Botto Machado, cuja direção integrará em 1908. Esta intervenção política trouxe outros convites e solicitações de Centros Republi-

canos, Associações Escolares do Ensino Liberal, Associações Operárias e Recreativas, Sociedade Promotora da Instrução Popular, Associação do Registo Civil, Círios Civis ou Grémios Excursionistas, Comissões Paroquiais e comícios do Partido Republicano, nos quais teve como companheiros de tribuna Alexandre Braga, Bernardino Machado*, Feio Terenas, João Chagas, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, entre outros. Alguns destes discursos e conferências foram coligidos e publicados em 1909, com o título *A Conquistista*, sob o lema "Todos por um, um por todos", dedicado aos "amigos e irmãos em ideais", Ana de Castro Osório e Fernão Boto Machado, prefaciado por António José de Almeida. Neste périplo pelos centros promotores da revolução política e social, Maria Veleda foi conhecendo outros homens notáveis da família republicana, como Brito Camacho, Jacinto Nunes, João de Meneses, França Borges, Luís Derouet, Daniel e Rodrigo Rodrigues, António Granjo e Estevão de Vasconcelos. Se esta intensa propaganda dos ideais feministas e republicanos lhe trazia grandes alegrias, pois "o vento emancipador da República impelia-(a) para a frente", os ataques, insultos e ofensas não se fizeram esperar, veiculados por alguns jornais católicos e conservadores que não aceitavam que uma mulher se intrometesse na política, assunto da competência e do domínio masculino. Anonimamente, também se faziam circular folhetos infamantes em que ela figurava ao lado de Ana de Castro Osório e Angelina Vidal como megeras de um bordel, enquanto alguns dos republicanos mais notáveis eram representados como bêbedos desordeiros. Ferreira Manso defendeu-a no jornal *O País*: "Não conheço Maria Veleda pessoalmente; todavia estou pronto a aparar com o meu braço os golpes desleais com que a alvejam certos cobardes indignos da sua missão de jornalistas". Este ato de coragem saiu-lhe caro. No dia seguinte foi agredido fortemente na cabeça e "não tardou muito que a sua vida se extinguísse..." [M. Veleda, "Memórias - VII", *República*, 07/03/1950, p. 3]. As perseguições e ameaças de morte não se deviam apenas à audácia e acutilância do seu discurso, mas também ao facto de ser uma mulher sozinha, mãe solteira, "desamparada", sem "um homem para a defender". O não reconhecimento dos direitos das mulheres impedia que elas fossem olhadas como seres autónomos e com valor próprio. O regicídio deixou-a "varada de espanto", pois visionara muitas vezes "a renúncia do rei D. Carlos ao trono e o exílio da família real", mas nun-

ca semelhante acontecimento. Atenta à reação popular, descia a Rua da Palma quando viu um velho republicano extremista que ostentava um berrante laço vermelho. O povo não parecia sentir-se comovido, pois as gravatas pretas escasseavam. Apenas as damas da aristocracia vestiam “o luto convencional, mundano”, por “ficar bem”. Na sequência desta constatação, publicou em *A Vanguarda* o artigo “A Propósito”, em que criticava o luto exibicionista das senhoras lisboetas adeptas da monarquia e, fazendo-se intérprete da voz do povo, rematou com esta tirada retumbante: “A morte de um rei, sobretudo se ele não soube fazer-se amar do seu povo, é um facto tão comum como a do último dos seus vassallos. Não é uma perda que afete um povo... Morreu um rei? Antes ele do que um homem! Os reis, porque se embalsamam, são inúteis até na morte. Mas os homens, na eterna decomposição da matéria, vão dar vida aos vermes e colorir o seio perfumado das rosas” [M. Veleda, *A Vanguarda*, 09/02/1908, p. 1]. Este artigo foi publicado tão a “propósito” que esgotou duas edições do jornal e a reprodução em folha solta que se lhe seguiu. Os leitores e correigionários da Metrópole e do Ultramar manifestaram-lhe o seu apreço público, numa mensagem subscrita por centenas de pessoas e entregue por uma comissão constituída por Magalhães Lima, Francisco Guilherme de Sousa, António José Guedes e Gomes de Carvalho. A reação dos seus opositores também não se fez esperar. Alguns fizeram-lhe saber que merecia ser açoitada na praça pública, pela ousadia em continuar a fazer conferências republicanas depois do regicídio. Entre as cartas anónimas, encontrava-se uma assinada por uma senhora monárquica, que lhe dirigia algumas perguntas provocatórias. Sem desconfiar da cilada, Maria Veleda respondeu num outro artigo, intitulado “Carta a uma Dama Franquista”, no qual criticava a rainha D. Amélia* pela beatice excessiva e a falta de sentimentos humanistas. Este artigo valeu-lhe a acusação de abuso de liberdade de imprensa, por algumas expressões “ofensivas da consideração devida a sua majestade, [...] tendo por objeto incitar o ódio e o desprezo de sua pessoa...” [A *Vanguarda*, 20/02/1909, p. 1]. No julgamento, testemunharam a favor Ana de Castro Osório, António José de Almeida, João Chagas, José da Cunha, José Miranda do Vale, Luís Filipe da Mata, Manuel de Arriaga, Maria Clara Correia Alves e Teófilo Braga. António Macieira era o advogado defensor. Maria Veleda foi condenada ao pagamento de uma pesada multa e Ana

de Castro Osório apelou à solidariedade das mulheres portuguesas para a ajudarem a pagar, visto que a condenação se destinava a todas as que lutavam pela justiça e se sentiam ultrajadas pelo despotismo monárquico. Maria Veleda fez a propaganda da revolução e esperava-a ansiosamente, porque só ela poderia agitar a sociedade, de modo a cortar as amarras com o passado e construir um país moderno, justo e igualitário: “Eu tinha uma ardente esperança no futuro; e a minha propaganda era iluminada pelo clarão abençoado da fé num mundo novo, liberto de injustiças – um mundo sobre o qual a Fraternidade desdobrasse o seu manto protetor” [M. Veleda, “Memórias – IV”, *República*, 06/03/1950, p. 4]. Assistiu à implantação da República no Centro Republicano da Ajuda, onde lecionava e vivia desde finais de 1909. No dia 4 de outubro de 1910, apesar da agitação que reinava na cidade, pretendendo ser útil como enfermeira, dirigiu-se com a amiga e colega Georgina de Figueiredo para o coração da cidade. Em Alcântara, viram-se sob o fogo cruzado das tropas em confronto e tiveram que regressar a casa. A noite que se seguiu foi passada à janela, entre a angústia e a esperança. As notícias eram contraditórias. Fazendo fé nos boatos, temeu o pior e queimou alguns documentos comprometedores. Na tarde do dia 5, foi surpreendida pelas vozes de populares entoando “A Portuguesa” e dando vivas à República. Com a amiga, embrenhou-se na multidão que festejava a vitória da revolução e foi até à Baixa, onde viu Ricardo Covões hastear a bandeira verde-ru-bra no Quartel-General. Esse dia foi vivido com alegria e deslumbramento. A República simbolizava a realização de um sonho mas também um espaço mais aberto à ação das mulheres e a garantia de concretização das aspirações feministas. Todavia, pouco depois da sua implantação já se mostrava desiludida e revoltada pela atuação dos “barriguistas”, “arrivistas” e “recompensistas” que, a pretexto de servirem o novo regime, procuravam apenas satisfazer ambições, interesses e vaidades pessoais. Denunciava e condenava estas atitudes por constituírem um mau exemplo e por serem imorais e até criminosas. Embora não desprestigiasses a República, porque os ideais eram superiores aos homens, desprestigiavam muito os indivíduos. Quando em 1911 e 1912 a República esteve em perigo, devido às incursões monárquicas de Paiva Couceiro, Maria Veleda juntou-se a uma delegação do Grupo Pró-Pátria e percorreu o Norte e o Centro do país, dis-

cursando em prol da defesa e consolidação do novo regime. Em representação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, acompanham-na Madalena Cândido e Ana Castilho. Embora se tivessem oferecido como enfermeiras, deram o seu contributo patriótico como oradoras. A ditadura do general Pimenta de Castro foi outro momento crítico da vida da República. Maria Veleda não ficou indiferente à dissolução do Parlamento e a outros ataques à liberdade. Na imprensa e na tribuna lutou contra o governo ditatorial e teceu entendimentos políticos com os conspiradores que prepararam o golpe revolucionário de 14 de maio de 1915. A ditadura caiu e o Partido Democrático, chefiado por Afonso Costa, formou governo. O golpe revolucionário saldou-se por 102 mortos e 250 feridos graves. Como dirigente da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas promoveu um Bando Precatório a favor das famílias das vítimas e para “glorificar os que souberam morrer pelo Direito e pela Justiça” [A *Madrugada*, n.º 41, 31/07/1915, p. 2]. Vivia-se o flagelo da Primeira Guerra Mundial e caberia ao governo do Partido Democrático decidir sobre a participação de Portugal. Maria Veleda juntou-se ao comandante Leote do Rego na campanha em defesa da beligerância portuguesa, a fim de garantir o prestígio da República e a preservação das colónias africanas. As consequências económicas e sociais da guerra agravaram a instabilidade política. Em 19 de outubro de 1921, à sombra de mais um golpe revolucionário, foram assassinados António Granjo, Carlos da Maia e Machado Santos, entre outros. Os crimes da “Noite Sangrenta” horrorizaram Maria Veleda: “Todo o meu interesse apaixonado pela causa da República sossobrou após as ensanguentadas ocorrências que a mancharam naquela noite infamante! Ao romantismo dos primeiros tempos, à febre do ideal sucedia uma época que ameaçava subverter tudo quanto de belo e de nobilitante se havia sonhado. Não era aquela a República que eu havia visionado; desinteressei-me da política que já não era a aspiração que norteava os meus passos, à conquista de uma sociedade melhor” [M. Veleda, “Memórias – XI”, *República*, 05/04/1950, p. 7]. Apesar de ter renunciado ao activismo político, não deixou de acreditar nos ideais que sempre a nortearam nem deixou de lutar por eles. O espírito irrequieto não lhe permitiu o afastamento completo da atividade jornalística. Em 1919, fez-se jornalista de *O Século*, edição da noite, onde continuou a comentar a vida política, a denunciar pro-

blemas sociais e a pugnar pelos valores da liberdade, da justiça e da igualdade. Todos os artigos, reportagens e entrevistas obedeciam ao dever de informar, mas, também, ao gosto de refletir sobre os acontecimentos, educar, formar civicamente, apontar caminhos e sugerir soluções. Em 1925, também se tornou jornalista correspondente do jornal republicano de Luanda, *A Pátria*, no qual informava e dissertava sobre os acontecimentos do país, comentava notícias internacionais de relevo e abordava criticamente temas como o aborto, a violência das touradas e das corridas de cavalos, a alimentação vegetariana, a moda e o uso das peles, os perigos do mau jornalismo, os malefícios do jogo e do alcoolismo, a decadência física e moral da raça e outras misérias materiais e morais que afetavam a sociedade portuguesa. A fidelidade à República está patente em todos os artigos que escreveu e nas entrevistas que concedeu aos jornais, até ao fim da vida. Fez sempre questão de lembrar que a sua luta pelo regime republicano não visava recompensas para si nem para os seus. “Por dignidade própria e da República”, nunca pediu nem aceitou nada que não lhe fosse devido, mesmo quando se viu confrontada com a doença e a miséria: “Pobres éramos, pobres ficámos e pobres somos, mas nas nossas almas arde sempre a mesma chama sacrossanta que nos iluminava quando gritámos pela primeira vez: – Viva a República! Porque acima da Morte que me espera, está o Ideal por que me norteio. Sim. Viva a República!” [M. Veleda, *República*, 11/11/1953, p. 2]. **4. A maçónica livre-pensadora.** Convertida ao livre-pensamento, em 1907 foi iniciada na Maçonaria, por Magalhães Lima, com o nome simbólico “Angústias”. Militou na Loja Humanidade de Lisboa, ao lado de Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Ângelo e Maria Clara Correia Alves, entre outras. Tornou-se assim uma das mais ativas e empenhadas propagandistas da liberdade de consciência, do cientismo, do positivismo e do anticlericalismo, porque na sua perspetiva, “a mulher portuguesa tem uma tarefa a cumprir, e essa tarefa não deve executar-se na penumbra das igrejas; mas à luz de um sol que se chama Progresso, caminhando para um futuro que se chama Liberdade” [M. Veleda, *A Vanguarda*, 29/07/1909, p. 1]. O anticlericalismo militante de Maria Veleda assentava na ideia de que o fanatismo religioso e a influência jesuítica eram os maiores inimigos da libertação e emancipação feminina. Criticava os dogmas da Igreja por serem contrários à razão e responsabilizava

a confissão auricular pela manipulação e fanatização dos espíritos crentes e pouco esclarecidos e pela escravização das mulheres a uma vida de ignorância, acomodação, preconceito e alienação social. A propaganda livre-pensadora atingiu o ponto mais alto nos anos que antecederam a implantação da República, sendo os jornais *A Vanguarda* e *A República* os veículos privilegiados da difusão das suas ideias. Aí, defendeu a instauração do registo civil obrigatório, a separação da Igreja do Estado e a lei do divórcio. Em abril de 1908, Maria Veleda fez parte da Comissão Organizadora do I Congresso Nacional do Livre-Pensamento, ao lado de Augusto José Vieira, José França, Lourenço Correia Gomes e Francisco Teixeira, em Lisboa. Apresentou ao congresso a tese “Feminismo”, redigida em parceria com Ana de Castro Osório, defendeu a criação do Partido Feminista Português, a reivindicação do sufrágio feminino e a organização da Federação do Trabalho contra as violências do capitalismo. Apresentou ainda a moção sobre a “abolição do juramento de defesa da religião a que (eram) obrigados os funcionários públicos” e respondeu de forma enérgica e discordante aos discursos de Ermelinda Rodrigues e do Dr. Ramos da Cruz que defendiam o amor livre. O seu desempenho foi de tal modo empolgante que os estudantes presentes, à saída, estenderam as capas para ela passar. Neste congresso, foi eleita para a Comissão Executiva da Junta Federal do Livre-Pensamento e para a Comissão Organizadora da Liga Antimilitarista. Em 2 de agosto de 1909, ela e outras dirigentes feministas, à frente de uma representação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, participaram na manifestação promovida pela Junta Liberal e Associação do Registo Civil para exigir a extinção das ordens religiosas e reivindicar a lei do divórcio e o registo civil obrigatório. Quando nas Cortes ouvia o “ardente discurso” de António José de Almeida, não resistindo ao entusiasmo, levantou-se, estendeu os braços e gritou com a voz forte dos comícios: “Viva a República!” A sala foi evacuada e a polícia foi na direção das mulheres à procura da “imprudente e atrevida”. Pequena e franzina, escondeu-se entre as saias rodadas e compridas de Ana de Castro Osório e Maria Clara Correia Alves, altas e bem constituídas que, calmamente informaram: “Ela saiu logo! Se forem depressa ainda a apanham!” Com a República, aprovaram-se as leis da separação da Igreja do Estado e a Liga Republicana das

Mulheres Portuguesas, sob a direção de Maria Veleda, radicalizou o discurso anti-clerical e o combate ao obscurantismo e fanatismo religioso que “escravizavam” sobretudo as mulheres. Por sua iniciativa, constituiu-se o Grupo das Treze, com o objetivo de combater todas as superstições, para o que se comprometia a realizar sessões de propaganda nas regiões ou províncias onde a ignorância e a credence mais se faziam sentir. A inauguração ocorreu a 31 de maio de 1911, com um jantar de treze talheres, brindes de homenagem a Afonso Costa, pela ação governativa, discursos de notáveis republicanos que enaltecera os papéis das mulheres nas sociedades de todos os tempos e defenderam a igualdade entre os sexos e a educação feminina para “o levantamento moral e físico da nossa raça”. Seguiu-se um sarau erudito e patriótico. **5. A educadora e pedagoga.** Maria Veleda fez-se professora por necessidade e por vocação. Percecionava a educação como “o primeiro e o mais importante cuidado dos que trabalham em prol da emancipação humana. Educar é amar. Só da escola sairão caracteres formados para a luta em prol dos mais levantados ideais” [M. Veleda, *A Vanguarda*, 16/05/1909, p. 1]. A vocação para o ensino estará intimamente ligada a uma grande sensibilidade para as atividades culturais, como a escrita, a música e o teatro, e sobretudo ao seu amor pelas crianças. As crianças simbolizavam a esperança e o futuro. Instruí-las e educá-las era construir os esteios de um mundo novo. Acreditava que a educação era a luz que iluminava as vidas, a fonte de felicidade individual e coletiva e o motor do progresso económico e da transformação social. Desde muito cedo, condenou o sistema de ensino vigente, que permitia a aplicação de castigos corporais, e outros igualmente humilhantes que transformavam a escola num espaço repressor e os professores em algozes da alegria e vivacidade das crianças. Criticou também a supremacia da memorização, em detrimento da compreensão, a que o regime educativo obrigava, visto que o elevado número de alunos por turma, 40 a 50, impedia o(a) professor(a) de conhecer as capacidades de cada um e adotar pedagogias diferenciadas. Simultaneamente, pugnou por uma reforma radical e urgente do ensino e reclamou a inclusão das raparigas no sistema educativo em condições de igualdade com os rapazes. Enquanto defendia estas ideias nos jornais e na tribuna, tentava também inovar na escola, recorrendo a estratégias que tornassem a aprendizagem mais atra-

tiva, aliando instrução e educação, e sensibilizando para outras dimensões do saber. Promovia festas com representações teatrais, danças e cantares, inventava jogos de palavras e números, registava tradições, escrevia contos e fábulas para ler às crianças e incentivava-as a escreverem também. Para desenvolver os valores do associativismo e da solidariedade, e sensibilizar para o exercício dos direitos democráticos, criava caixas escolares e promovia situações educativas em que as crianças podiam manifestar as suas opiniões e usar livremente o voto. Fiel aos ideais do livre-pensamento que professava, insurgiu-se muitas vezes contra a excessiva influência do clero no sistema educativo e defendia a educação racional, laica e integral, assim como um currículo comum a rapazes e raparigas. Por educação integral e racional, Maria Veleda entendia uma educação centrada no desenvolvimento harmonioso das crianças, valorizando igualmente as vertentes da instrução teórica e prática, o exercício físico, o contacto com a Natureza e a formação ética e cívica. O percurso educativo far-se-ia por etapas, desde a escola maternal até às universidades, livres e populares, reunindo em todas elas os saberes teóricos próprios, as artes e as ciências, mas também os saberes práticos adquiridos nos laboratórios, nas oficinas, nas visitas de estudo e nas conferências. A escola devia ser livre, sem compêndios nem imposições, mas com um programa definido e orientado pelos ideais do racionalismo científico, em que se aliassem a instrução rigorosa, a autonomia, a criatividade, o espírito de liberdade, o amor pelo trabalho, pela verdade e pela justiça, o sentido do dever, a tolerância, o respeito pelo outro e a formação cívica. Este modelo educativo deveria ser implementado em regime de coeducação, para que rapazes e raparigas confraternizassem e se conhecessem melhor, pois só a educação, o convívio e o conhecimento mútuo, na escola e na sociedade, apagariam os preconceitos que sustentavam as desigualdades entre os sexos. Dando corpo a estas ideias, Maria Veleda, Ana de Castro Osório, Ilda Adelina Jorge, Joana de Almeida Nogueira, e outras mulheres republicanas, criaram a Associação Fundadora das Escolas Maternais, em 1907, a fim de promoverem a educação infantil. Na qualidade de vice-presidente, dinamizou conferências de propaganda e procurou angariar sócios e subscritores que sustentassem financeiramente a obra. As suas preocupações educativas não se circunscreviam às crianças. Partindo do pressuposto de que a maioria das mulheres não

teve acesso à instrução, ou lhe foi vedada uma educação equivalente à dos homens, havia que remediar esta injusta desigualdade, proporcionando-lhes os saberes indispensáveis à sua independência económica e ao exercício efetivo da cidadania. Quando já se encontrava em Lisboa, e continuando a experiência iniciada no Alentejo, promoveu, a partir de 1907, cursos femininos e conferências educativas nos Centros Republicanos Afonso Costa, António José de Almeida e Botto Machado. Os cursos de instrução primária eram complementados com ensinamentos de economia doméstica, agricultura, História, Geografia, Ciências da Natureza, Física, Astronomia, deveres cívicos e política. Algumas destas iniciativas realizavam-se ao domingo e, com isso, Maria Veleda pretendia mudar atitudes e mentalidades, subtrair as mulheres à influência da Igreja, torná-las mais conscientes da situação de ignorância em que viviam, valorizá-las como pessoas, prepará-las para uma profissão e motivá-las para a luta pelos seus direitos sociais, civis e políticos. Em 1909, por sua iniciativa, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas fundou a Obra Maternal, destinada a acolher, educar e proteger as crianças abandonadas, pedintes ou em perigo moral que circulavam nas ruas de Lisboa. Sem qualquer apoio do Estado, a Obra Maternal sobreviveu sete anos graças aos subscritores e à tenacidade das mulheres da Liga, que procuravam por todos os meios colmatar a permanente falta de recursos. Como diretora, Maria Veleda promoveu quermesses de produtos doados, festas para angariação de fundos e representação de peças de teatro feminista, educador e reformador. Criou o Grupo Dramático da Liga, escreveu e levou à cena as peças *Escrava*, *A minha Menina*, *A Lei*, *Mulher Ideal* e *Único Amor*, representadas nos teatros Étoile, República, Ginásio e Trindade, em Lisboa, e no Teatro do Grémio Artístico Comercial, de Torres Vedras. Com a fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, a luta de Maria Veleda pela educação foi enquadrada nas atividades da instituição. Aí colaborou na criação de cursos de enfermagem, de francês e de comércio, os quais foram muito procurados pelas sócias. O mesmo não aconteceu em 1914 quando, acompanhada de Ana Castilho, Filipa de Oliveira e Lídia de Oliveira, lançou a Escola Solidariedade Feminina, destinada a crianças, raparigas e mulheres. Ministraria o ensino da instrução primária e de Português, Francês, piano, costura, corte, bordados e chapéus, em aulas diurnas e noturnas. O programa educativo, ape-

sar de variado e ambicioso, não cativou alunas suficientes e a escola não passou de uma utopia. Em 1912, Maria Veleda foi nomeada delegada de Vigilância da Tutoria Central da Infância de Lisboa, instituição criada pelo Governo Provisório da República em 27 de maio de 1911. Desenvolvia um trabalho duro nas ruas de Lisboa, ouvindo testemunhos sobre casos de crianças em perigo físico e moral que justificassem a intervenção e a proteção da Tutoria e visitando periodicamente as que se encontravam em “liberdade vigiada”. O contacto com os bairros mais pobres e degradados, em que a miséria material se conjugava com o vício e o crime, era física e psicologicamente desgastante e punha muitas vezes em perigo a sua segurança pessoal. Devido à doença grave que a afetou em 1917, deixou o trabalho da rua e passou a exercer funções mais recatadas. Esteve ao serviço da Tutoria da Infância até 1941, encaminhando e amparando crianças e jovens das classes mais desfavorecidas e dando sentido à vida de cada dia pelo amor e dedicação à causa da educação. A luta pelos direitos dos professores também não a deixou indiferente. Quando António José de Almeida publicou a Reforma da Instrução Primária, em 29 de março de 1911, os professores do ensino oficial regozijaram-se e promoveram uma manifestação de “sincero e profundo reconhecimento pelo benefício material que a Reforma lhes trouxe” [O Tempo, 05/04/1911, p. 1]. No entanto, os professores do ensino livre manifestaram o seu descontentamento por considerarem que foram injustamente esquecidos e discriminados, sobretudo por muitos deles terem dedicado a vida ao serviço da instrução nos Centros Republicanos ou noutras escolas liberais e participarem ativamente na propaganda dos ideais democráticos. Maria Veleda serviu-se da “Tribuna Feminina”, secção própria que tinha no jornal *O Tempo*, e de *A Capital* para exigir que os professores do ensino livre fossem integrados nos quadros do ensino oficial e que os júris de exames passassem a ser mistos, constituídos por professores e professoras dos ensinos livre e oficial, a fim de estabelecer a igualdade entre os sexos e possibilitar que uns e outros provassem publicamente a sua competência profissional, visto que se punha em causa a preparação científica e pedagógica dos primeiros. Neste sentido, fez parte de uma comissão que entregou uma petição ao Presidente da República, presidiu a uma assembleia no Ateu Comercial, que deliberou enviar uma representação ao ministro do Interior e dinamizou ses-

sões de propaganda para divulgar as reivindicações dos professores do ensino livre. **6. A dirigente feminista.** Para Maria Veleda, a independência feminina era a garantia do seu direito de cidadania. Para que as mulheres se pudessem emancipar, e ocupar na sociedade o lugar a que tinham direito, era necessário que tomassem consciência do seu estado de submissão e se assumissem como seres pensantes, livres e autónomos: “Mas como a liberdade é filha da instrução, só a mulher instruída pode ser livre”. Todas as mulheres deviam adotar uma profissão, “em harmonia com as suas tendências, as suas forças, a sua educação”, porque é “cobarde e vexatório, [o] dissolvente costume de procurar ou esperar um homem que as ampare” [M. Veleda, *A Conquista*, 1909, pp. 150, 169]. Condenando a mentalidade retrógrada da sociedade portuguesa que temia a ilustração das mulheres e as olhava apenas como “instrumentos de prazer”, ou “anjos do lar”, desafiava os homens a emancipar-se também dos preconceitos que os mantinham reféns do seu próprio imobilismo cultural. Insurgindo-se contra a ideia de que as diferenças sexuais justificavam o domínio do homem sobre a mulher, reclamava a igualdade de direitos no acesso à educação e na escolha de uma profissão, ciente de que as mulheres eram tão competentes como os homens no desempenho de quaisquer funções. Na sua perspetiva, não se devia interditar às mulheres a participação na vida económica, social e política, nem “vedar-lhe(s) a estrada luminosa dos grandes destinos”, porque era necessário “desenvolver todas as inteligências” e “cultivar todas as artes”, para o bem comum e o progresso do país. Estas ideias serão a matriz do seu discurso e orientarão a sua ação nos caminhos trilhados pelo direito de cidadania das mulheres e a emancipação de toda a Humanidade, pois “a mulher moderna não pode ser só defensora do seu sexo, mas deve contribuir para a libertação geral” [M. Veleda, *O Mundo*, 02/05/1910, p. 2]. Como também afirmava na “Tribuna Feminina”, “Feminismo é uma palavra estreita e dum critério restrito. Humanitarismo é tudo” [M. Veleda, *A República*; 01/06/1908, p. 3]. Na “Tribuna Feminina”, consagrada aos ideais libertadores, dá voz a escritoras/es identificadas/os com as causas da emancipação feminina e da educação moderna e informa sobre as lutas e conquistas do movimento feminista internacional, abrindo novas perspetivas às suas compatriotas e estimulando o debate entre partidários e opositores do feminismo. Num sentido de permuta cultural entre Portugal

e o estrangeiro, traduziu e deu a conhecer Madame Desparmet, Odethe Laguerre, Maria Deraises, Madame de Staël, Concépcion Gimeno de Flaquer, Blanche Edwards Pilliet, Suzanne Strierve, Nelly Roussel, Isabelle Bogelot, Avril de Sainte Croix e Hera Mirtel, entre outras. Com a intenção de “agitar o espírito da mulher portuguesa, procurar interessá-la pela ideia democrática, desafiá-la a sair do sono da indiferença que a tem trazido desviada do problema social”, procedeu a um plebiscito, a fim de votar o político republicano que mais tivesse contribuído para a emancipação feminina [M. Veleda, *A República*, 08/07/1908, p. 1]. Maria Veleda congratulou-se pela elevada participação de 834 mulheres como demonstrativa da vontade das portuguesas em cooperar na obra da sua libertação e no triunfo da democracia. Quando, em 1908, se lançou a ideia da criação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, Maria Veleda, fez, também a divulgação e a apologia dos seus objetivos, tal como já o tinha feito em relação ao Grupo Português de Estudos Feministas. Foi com verdadeiro entusiasmo que se tornou sócia fundadora da Liga e defendeu que a luta feminista não se devia circunscrever à reivindicação da igualdade de direitos, mas alargar-se à participação na vida política, a fim de contribuir para a resolução dos problemas sociais. Em seu entender, a Liga garantia que, no futuro, quando o Partido Republicano fosse governo, este “não deixaria de atender as justíssimas reivindicações feministas, como base de uma sociedade bem constituída, inspirada num ideal de igualdade” [M. Veleda, *A República*, 22/08/1908, p. 2]. A constituição da Liga marcou, também, a ruptura entre as intelectuais, visto que as conotadas com a monarquia não se reviam neste projeto. Maria Veleda, supondo-as assustadas com a componente política e republicana da nova coletividade, criticou o seu conservadorismo, acusou-as de provocarem cisões no movimento da emancipação feminina e lembrou-lhes que “não se conquistam direitos entre uma chávena de chá e um pastel de nata, entre dois paradoxos, dois ditos de espírito e uma romança dolente. Conquistam-se direitos, trabalhando, lutando, sofrendo”. Defendendo abertamente a aliança entre feminismo e política, afirmava: “A política assusta a mulher portuguesa que ainda não conseguiu educar e independentizar o espírito. Se a República nos oferece o seu apoio, se nós dela esperamos uma aurora de redenção, porque não aceitaremos esse apoio? Porque não faremos políti-

ca, se é do interesse comum que a façamos, mas a política avançada, política democrática, política das almas comungando na Ideia Nova?” [M. Veleda, *A República*, 29/08/1908, p. 2]. Implantada a República, impunha-se a continuação da luta pelos direitos que as mulheres há muito vinham reivindicando. No entanto, a orientação dessa luta nem sempre foi consensual nem pacífica. As divergências surgiram em agosto de 1910, quando se discutia a alteração dos Estatutos da Liga. Despoletadas por motivos de ordem administrativa, acentuaram-se com a discussão da questão religiosa e do sufrágio feminino, levando à demissão de Ana de Castro Osório da direção da Revista *A Mulher e a Criança* e, uns meses depois, da presidência da coletividade. Maria Veleda foi eleita para a substituir, nos dois cargos, marcando este episódio a divisão das feministas republicanas em duas fações; uma mais conservadora e outra mais revolucionária, tendo como referências identificadoras estas duas dirigentes. As dissensões latentes acentuaram-se quando, em novembro de 1910, a Liga entregou uma petição ao Governo Provisório reclamando o voto para as mulheres comerciantes, industriais, empregadas públicas, administradoras de fortuna própria ou alheia, diplomadas, escritoras. Maria Veleda foi uma das que não concordaram com a petição do voto restrito e, demarcando-se do grupo que o defendia, assumiu-se anti-sufragista, por considerá-lo injusto e discriminatório. Em sua opinião, o voto, por si só, não contribuiria para a melhoria das condições económicas das mulheres, sendo estas as questões prioritárias para a sua emancipação. Além disso, a maioria das mulheres, sendo pobre e analfabeta, não pagava contribuições, não possuía diplomas nem escrevia artigos, pois não tinha tido acesso à instrução e à educação: “Negando-lhe um direito que é de todas, acentua-se a desigualdade e o odioso espírito da divisão de classes. Não sou sufragista – repito – mas se o fosse, pediria «tudo» e, se não dessem «tudo», não aceitaria nada!” [M. Veleda, *A Mulher e a Criança*, n.º 19, dezembro, 1910, p. 6]. A discussão pública em torno do sufrágio feminino foi protagonizada por Maria Veleda e Ana de Castro Osório nos jornais *O Século*, *O Tempo* e *A Mulher e a Criança*, órgão da Liga. Todavia, a primeira tentava que mais mulheres marcassem presença no espaço público em defesa das suas posições e incitava-as escrevendo: “Não basta que meia dúzia de senhoras cultas reclamem o direito de voto, para que qualquer governo lho conceda como um mimo... Apareçam

as oradoras, façam-se conferências, revolucione-se a opinião, faça-se a propaganda, como a fazem as feministas estrangeiras, organizem-se manifestações públicas, realizem-se comícios, prove-se finalmente que as mulheres portuguesas estão educadas para reivindicarem os seus direitos” [M. Veleda, *O Tempo*; 26/03/1911, p. 3]. No debate que se prolongou, Maria Veleda, em nome da Liga que dirigia, salientava que não era alheia ao movimento sufragista, mas apenas “contra privilégios aristocráticos que não deviam ter cabimento numa associação em que todas as classes estão representadas. [...] Se se reconhece à mulher o direito de voto, é uma incoerência reclamá-lo só para aquelas que tenham um curso ou possam ser consideradas intelectuais. Se a mulher tem direito de voto, deve tê-lo em igualdade de circunstâncias com o homem; – e neste sentido, nos declaramos desde já «sufragista»... – pois queremos defender a mulher do povo contra todas as aristocracias” [M. Veleda, *O Tempo*, 16/05/1911, p. 3; 17/05/1911, p. 3]. O anti-sufragismo assumido por Maria Veleda foi apenas conjuntural e transitório, surgindo como uma forma provocatória de demarcação em relação ao grupo que defendia o voto restrito. As ideias que veiculava e os princípios que defendia continuavam em consonância com as suas antigas reivindicações do voto, justificadas em tempos e contextos diversos, por questões de lógica, de justiça e de igualdade de direitos. Com a vitória de Carolina Beatriz Ângelo, que votou para a Assembleia Constituinte, em 28 de maio de 1911, Maria Veleda acreditou que o poder legislativo recém-eleito não negaria às mulheres portuguesas um direito reconhecido pelo poder judicial. Tentando unir republicanas e socialistas, protagonizou a luta centrada na reivindicação do voto. Em outubro de 1911, no Congresso do Partido Republicano, Maria Veleda reclamou da Assembleia “o incondicional apoio a todas as reivindicações feministas, tendo como principal objetivo a educação da mulher e a sua emancipação civil e política”, o que foi aprovado por aclamação [A *Madrugada*, n.º 4, 30/11/1911, p. 2]. Na imprensa e na tribuna defendia então que as mulheres lutassem pela “conquista de direitos políticos, para chegar à conquista de direitos civis e económicos”, pois enquanto elas não puderem “fazer ouvir a sua voz nas câmaras, ou não se fará nada em seu favor, ou o que se fizer será uma obra incompleta e imperfeita” [M. Veleda, *A Madrugada*, n.º 15, 31/10/1912, p. 4]. Em julho de 1912, entregou uma petição ao Parlamento que foi lida

e aplaudida, mas não atendida, pois a legislação que se seguiu concedeu o voto apenas aos cidadãos do sexo masculino e com algumas restrições. A desilusão foi grande e a direção da Liga reconheceu que “o feminismo sofreu a mais afrontosa derrota que se podia esperar sob o regime republicano. Não podiam as mulheres republicanas supor que, em pleno regime de igualdade, lhes fosse negado o direito de voto, embora com as restrições que o Senado propusera” [A *Madrugada*, n.º 30, 31/01/1914, p. 2]. Todavia, sempre que o Parlamento discutia uma nova lei eleitoral ou o Governo preparava eleições, a campanha e as petições a favor do sufrágio feminino redobravam de intensidade. A par desta luta, Maria Veleda dirigiu campanhas contra a prostituição regulamentada, o direito de fiança por abuso sexual de crianças e a venda de álcool e tabaco a menores, e empenhou-se na condenação de duas proxenetas de Lisboa que aliciavam meninas pré-adolescentes para a prostituição. O seu envolvimento pessoal nos acontecimentos políticos de 1915, vinculavam demasiado a Liga ao Partido de Afonso Costa, o que não era bem aceite por algumas sócias, que defendiam a neutralidade face aos partidos. Cansada de divergências, demitiu-se da direção da Liga e da revista *A Madrugada*, filiou-se no Partido Democrático e, juntamente com outras liguistas, fundou a Associação Feminina de Propaganda Democrática, continuando a defender que “a mulher portuguesa pode e deve interessar-se pela política, porque da boa ou má orientação dessa, depende o futuro da sua pátria” [M. Veleda, *O Mundo*, 02/10/1915, p. 1]. A nova associação participava nas atividades do partido, reunia na sede do diretório e tinha o apoio dos dirigentes republicanos que mais se interessavam pela causa feminista. Este entendimento tácito seria a base da aliança política que levaria às reformas tão ansiadas. A criação da Associação Feminina de Propaganda Democrática visava concretizar o projeto político e feminista de Maria Veleda, apesar de algumas das suas companheiras não o terem assim entendido. Com a participação na atividade política do partido, e a intervenção social quotidiana, pretendia o reconhecimento da igualdade de direitos e do livre exercício de uma mais ampla cidadania. No entanto, a conjuntura nacional e internacional não era favorável e, por isso, dirigentes e associadas, em nome dos superiores interesses da Pátria ameaçada, em obediência aos princípios da União Sagrada e em apoio à intervenção de Portugal na guerra, dissolveram a associação em ju-

lho de 1916. A efêmera aliança política entre as feministas e o partido do poder não foi tão profícua como algumas das suas protagonistas desejavam. **7. A espiritualista com uma visão mística do mundo.** Em 1917, Maria Veleda adoeceu gravemente, a ponto de não poder trabalhar durante largos meses. Conheceu de perto a miséria que, em nome da solidariedade, tantas vezes combateu. Emília de Sousa Costa promoveu uma subscrição pública a seu favor, apoiada pela imprensa e por companheiras/os e amigas/os. Nesta fase de grande sofrimento e desilusão, aventurou-se nos caminhos da espiritualidade, a fim de amenizar o presente e garantir o equilíbrio intelectual. A livre-pensadora, exaltada e intransigente, ia cedendo lugar à crença, deslumbrada com a paz e a alegria espiritual de uma alma em perfeita sintonia com Deus. A sede constante do saber e a capacidade de compreender, a atração pelo desconhecido e o misterioso, a ânsia de perfeição e de felicidade e o desejo da imortalidade levaram-na a enveredar pelo espiritismo filosófico, científico e experimental. Não renegando nada do que foi, viveu e defendeu, foi à luz de novas perspectivas que continuou a escrever e a esgrimir ideias, a trabalhar e a lutar por novos e velhos ideais. A iniciação na aventura espiritualista, mística e esotérica já tinha ocorrido cerca de 1916, quando começou a estudar os mestres da nova filosofia e fundou o Grupo das Sete, que depois se transformou no Centro Espiritualista Luz e Amor*, a maior associação espírita do país. Em 1919, fundou e dirigiu *A ASA**, revista de propaganda sociológica e das ciências psíquicas, substituída em 1921 pela revista *O Futuro**, com as mesmas características e objetivos. *A ASA* ressuscitou em 1924, como órgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, e teve um papel fundamental na mobilização de todos os Grupos espíritas do país para a realização do 1.º Congresso Espírita Português, em maio de 1925. A organização deste congresso esteve a cargo da direção do Centro Espiritualista Luz e Amor, constituída por sete mulheres, sob a presidência de Maria Veleda. No congresso, delineou-se a criação da Federação Espírita Portuguesa e elegeu-se a Comissão Pró-Federação, com a incumbência de elaborar os estatutos, cuja presidência e vice-presidência foram atribuídas, respetivamente, ao Dr. António Freire e a Maria Veleda. Pouco depois, foi também eleita vice-presidente do Conselho Deliberativo da Federação. Maria Veleda discordou da proposta de António Freire de extinguir o Centro Espiritua-

lista Luz e Amor para dar origem à Federação Espírita Portuguesa e demitiu-se da presidência do centro e da direção da revista *A ASA*. Por uma questão de coerência, demitiu-se também dos cargos atribuídos na federação. Entretanto, desiludida com a atitude de alguns confrades, e desgostosa com as práticas ridículas, caricatas e até perigosas que denegriam o verdadeiro espiritismo, afastou-se temporariamente da militância espírita. Todavia, em 1926, voltou à atividade e fundou o Grupo Espírita “General Passaláqua” e a revista *A Vanguarda Espírita*, onde desempenhou as funções de secretária. Nesta fase, publicou a novela reincarnacionista *A Casa Assombrada* e traduziu excertos das obras de Flamarion, Voltaire, Rabindranah Tagore e Pantajoli. Nas décadas seguintes, continuou a colaborar na imprensa espiritualista e espírita de todo o país, com uma escrita de carácter reflexivo, filosófico e memorialista, em que transparecem o desejo de escapar às limitações do conhecimento comum sobre os mistérios da vida e da morte, a busca incessante da intelegibilidade da fé e da finalidade da existência e também o conflito entre o racionalismo, o materialismo científico e o transcendentalismo religioso. É notória a visão mística da vida e do mundo neste percurso espiritualista de aperfeiçoamento individual e ascese espiritual que visava a construção de uma sociedade mais tolerante, mais justa, igualitária e fraterna. Continuava a sustentar a utopia da Pátria Ideal, baseada nos valores da Solidariedade, do Altruísmo, da Liberdade, da Justiça, da Paz e do Amor que uniriam toda a humanidade na procura da felicidade universal. Maria Veleda foi a primeira e única mulher do movimento feminista português da primeira vaga a publicar as “Memórias”. Fê-lo no jornal *República*, entre fevereiro e abril de 1950. Nos últimos anos de vida, deu a este jornal algumas entrevistas sobre as suas vivências republicanas e feministas, além de publicar também “Recordações” sobre Lisboa no início do século. As “Recordações” da infância e juventude, em contexto algarvio, publicou-as no *Correio do Sul*, entre 1953 e 1954. Muitos anos antes fez também a tradução de algumas obras: *O Senador Inácio*, de Theodore Cahu (1897), *O Imortal* (1908), *O Cabelilha* (1908), *A Visão do Juiz de Colmar* (1913) e *A Macaca* (1913) de Alphonse Daudet, *A Dor Universal* (1910), de Sébastien Faure, *Pour la Révolte* (1910), de Nelly Roussel, *Deux Vies* (1911) de Paul e Victor Margueritte. Morreu em 8 de abril de 1955 e, tal como pediu, foi enterrada civil-

mente, sem qualquer interferência de rituais católicos ou de outra qualquer religião dogmática.

Fontes: Espólio particular de Maria Veleda.

Mss.: BN, ACPC, *Coleção de Castro Osório*, Esp. N12/308, Cartas de Maria Veleda a Ana de Castro Osório.

Da autora: "Dois Sonetos: Ocaso; Aurora", *Almanaque de S. Braz de Alportel*, 1894, p. 42; "Souvenirs", *Almanaque de S. Braz de Alportel*, 1894, pp. 47-49; "Soror Angústias", *O Distrito de Faro*, maio, 1897; "Torneio Literário – Sorrindo...", *A Tarde*, 11/06/1897; "A Mantilha", *O Repórter*, 12/04/1898 e 13/04/1898; "O Deserto" [Excerto do livro inédito *A sombra das farrubeiras*], *O Repórter*, 02/10/1898, 05/10/1898, 07/10/1898; "Na Barricada", *O Lidador*, 25/12/1898, p. 1; "Janua Coeli", *O Lidador*, 25/12/1898, p. 2; "Alma Boémia", *O Lidador*, 1898; "Galeria Feminina – Trovas", *Ave Azul*, n.º 3, março, 1900, p. 150; "Registo Bibliográfico – Avé-Maria – Versos de Cândido Guerreiro", *Ave Azul*, n.º 4, abril, 1900, pp. 224-229; "Trovas para acalantar", *Ave Azul*, n.º 5, maio, 1900, p. 256; "Emancipação Feminina", *Ave Azul*, n.º 8-9, agosto-setembro, 1900, pp. 449-452; "O Amor", *A Folha de Beja*, n.º 405, 04/10/1900, p. 2; "A doce providência", *A Folha de Beja*, n.º 413, 29/11/1900, pp. 2-3; "O sapatinho do Menino Jesus", *A Folha de Beja*, n.º 417, 27/12/1900, p. 2; "Verdades Amargas", *A Folha de Beja*, n.º 421, 24/01/1901, p. 2; "Horas Negras", *A Folha de Beja*, n.º 424, 14/02/1901, p. 2; "Horto", *A Folha de Beja*, n.º 424, 14/02/1901, p. 2; "Rua da Amargura", *A Folha de Beja*, n.º 424, 14/02/1901, p. 2; "Crenças Populares – Silêncios – Oração ao sol", *A Tradição*, n.º 3, março, 1901, pp. 38-41; "Contos Algarvios – O Príncipe de Campos", *A Tradição*, n.º 4, abril, 1901, pp. 57-61; "As Crianças", *A Folha de Beja*, n.º 431, 04/04/1901, p. 2; "O Manuel Enjeitado", *O Círculo das Caldas*, 15/05/1901, p. 3; "Contos Algarvios – As três Cídras do Amor", *A Tradição*, n.º 7, julho, 1901, pp. 106-107; "O Biôco", *A Tradição*, n.º 8, agosto, 1901, pp. 120-122; "Era-Não-Era" [Versão Algarvia], *A Tradição*, n.º 8, agosto, 1901, p. 124; "Simples", *A Folha de Beja*, n.º 448, 01/08/1901, p. 2; "Angélica", *A Folha de Beja*, n.º 451, 22/08/1901, p. 2; "Angélica" [Continuação], *A Folha de Beja*, n.º 452, 29/08/1901, p. 2; "Flutuam no horizonte os véus diáfanos da madrugada. No azul profundo, dormitam as estrelas...", *A Folha de Beja*, n.º 437, 03/10/1901, p. 2; "A Emancipação Feminina", *A Nova Aurora*, n.º 11, 1901, pp. 243-246; "Trovas", *A Crónica*, dezembro, 1901, p. 2; *Cor-de-rosa*, Biblioteca Infantil, Lisboa, Imprensa Africana, 1902; *Emancipação Feminina*, Porto, Tipografia Popular, 1902; "Folha solta", *A Crónica*, janeiro, 1902, pp. 1-2; "A Procição de S. Sebastião", n.º 1, *A Tradição*, janeiro, 1902, pp. 6-8; "Suas Altezas", *Lisboa Elegante*, n.º 4, 15/04/1902, pp. 1-2; "Abril e o mês que há-de vir", *A Tradição*, n.º 6, julho, 1902, pp. 84-87; "Mãe", *A Sociedade Futura*, 01/09/1902, p. 2; "Na Barricada", *A Sociedade Futura*, 15/09/1902, pp. 2-3; "Trovas", *A Sociedade Futura*, 15/09/1902, p. 4; "Na Barricada", *A Sociedade Futura*, 01/10/1902, p. 2; "Impressões Literárias – "Adeus" de Bernardo de Passos", *A Crónica*, outubro, 1902, pp. 1-2; "Na Barricada", *A Sociedade Futura*, 01/11/1902, p. 3; "D. Júlia de Gusmão", *A Crónica*, novembro, 1902, p. 2; "Sol", *O Cruzeiro do Sul*, 22/01/1903, p. 3; "Notícias do outro-mundo – I", *A Folha de Beja*, n.º 527, 05/02/1903, p. 2; "Notícias do outro-mundo – II", *A Folha de Beja*, n.º 528, 12/02/1903, p. 2; "Notícias do outro-mundo – III", *A Folha de Beja*, n.º 529, 19/02/1903, p. 1; "Notícias do outro-mundo – IV", *A Fo-*

lha de Beja, n.º 532, 12/03/1903, p. 1; "Notícias do outro-mundo – V", *A Folha de Beja*, n.º 533, 19/03/1903, p. 1; "Contemplando um retrato", *O Cruzeiro do Sul*, 26/03/1903, p. 3; "Ideal", *A Folha de Beja*, n.º 539, 30/04/1903, p. 2; "Mater Dolorosa", *A Sociedade Futura*, 01/07/1903, p. 10; "Carta" [A Madalena de C.], *A Sociedade Futura*, 01/08/1903, p. 21; "Fragmentos", *A Folha de Beja*, n.º 557, 03/09/1903, p. 4; "Mulheres e Crianças – I", *A Folha de Beja*, n.º 557, 03/09/1903, p. 1; "Mulheres e Crianças – II", *A Folha de Beja*, n.º 558, 10/09/1903, p. 1; "Mulheres e Crianças – III", *A Folha de Beja*, n.º 559, 17/09/1903, p. 1; "Mulheres e Crianças – IV", *A Folha de Beja*, n.º 24/09/1903, p. 1; "Mulheres e Crianças – V", *A Folha de Beja*, n.º 561, 04/10/1903, p. 1; "Mulheres e Crianças – VI", *A Folha de Beja*, n.º 563, 15/10/1903, pp. 1-2; "Mulheres e Crianças – VII", *A Folha de Beja*, n.º 565, 29/10/1903, p. 1; "Mulheres e Crianças – VIII", *A Folha de Beja*, n.º 566, 05/11/1903, p. 2; "Carta ao Director", *A Folha de Beja*, n.º 567, 12/11/1903, p. 2; "Dr. Cândido de Figueiredo", *A Sociedade Futura*, 01/01/1904, p. 36; "Mulheres e Crianças", *A Sociedade Futura*, 01/01/1904, p. 39; "Poema", *A Crónica*, julho, 1904, p. 2; "Meu coração fez um ninho", *A Crónica*, julho, 1906, p. 2; "Bagatelas...", *A Vanguarda*, 30/07/1906, p. 2; "Carta aberta", *A Vanguarda*, 10/08/1906, p. 2; "Educai o povo!", *A Vanguarda*, 19/08/1906, p. 5; "Angústias", *A Vanguarda*, 02/09/1906, p. 2; "Livre-pensamento", *A Vanguarda*, 03/09/1906, p. 2; "As mulheres portuguesas", *A Vanguarda*, 18/09/1906, p. 1; "Mulheres Portuguesas – A Minha Pátria" por D. Ana de Castro Osório, *A Vanguarda*, 14/10/1906, pp. 1-2; "Escola Maternal", *A Vanguarda*, 30/01/1907, p. 3; "Conferência", *Jornal de Abrantes*, 08/09/1907, p. 2; "A propósito...", *A Vanguarda*, 09/02/1908, p. 1; "A eterna questão", *A Vanguarda*, 17/02/1908, p. 1; "Um tema interessante", *A Vanguarda*, 19/03/1908, p. 1; "Pelo livre-pensamento", *A Vanguarda*, 04/04/1908, p. 2; "Aos Centros Escolares Republicanos", *A Vanguarda*, 18/04/1908, p. 2; "Faça-se justiça!" [Protesto pela condenação ao degredo de Joaquim Raimundo dos Santos], *A Vanguarda*, 29/04/1908, p. 1; "Timor" [Descrição das perseguições sofridas por Joaquim Raimundo dos Santos no degredo em Timor], *A Vanguarda*, 02/05/1908, p. 2; "Cartas à Rainha" [Por José Augusto de Castro], *A Vanguarda*, 18/05/1908, p. 2; "Grémio Civil do Monte – Homenagem a Boto Machado" [Conclusão do primoroso discurso lido anteontem pela distinta professora D. Maria Veleda no Grémio Civil do Monte], *A Vanguarda*, 26/05/1908, p. 2; "Minhas Senhoras", *A República*, n.º 63, 01/06/1908, p. 2; "A Co-educação e o preconceito", *A República*, n.º 64, 02/06/1908, p. 2; "Como eles combatem...", *A República*, n.º 66, 04/06/1908, p. 2; "A Quinta-Feira dos pequenos estudantes – A raposa e o gato" [Conto], *A República*, n.º 68, 06/06/1908, p. 2; "Duas Quadras" *A República*, n.º 72, 11/06/1908, p. 2; "Perfil – D. Ana de Castro Osório", *A República*, n.º 81, 23/06/1908, p. 1; "Um pouco de folclore" [Tradições algarvias, raianas e alentejanas], *A República*, n.º 86, 01/07/1908, p. 3; "O grão de trigo" por Bernardo de Passos [crítica literária], *A República*, n.º 89, 04/07/1908, p. 2; "As escravas de hoje", "Educação da camponesa", *A República*, n.º 90, 05/07/1908, p. 2; "Está aberto o plebiscito – A ilustração da mulher", "Inventários do espantilho", *A República*, n.º 93, 08/07/1908, pp. 1-2; "O regime vegetariano", "Plebiscito", *A República*, n.º 99, 15/07/1908/ p. 2; "Grupo Português de Estudos Feministas", *A República*, n.º 100, 16/07/1908.

p. 1; "Pelos Escolas - I", *A República*, n.º 106, 23/07/1908, p. 2; "Poema"; "Respondendo ao "Jornal da Mulher", *A República*, n.º 107, 24/07/1908, p. 2; "O plebiscito das mulheres portuguesas", *A República*, n.º 109, 27/07/1908, p. 3; "O plebiscito das mulheres portuguesas", *A República*, n.º 110, 28/01/1908, p. 2; "D. Adelaide Cabete", *A República*, n.º 114, 01/08/1908, p. 1; "Casas de reclusão para mulheres", *A República*, n.º 115, 03/08/1908, p. 2; "O plebiscito das mulheres portuguesas"; "Poema", "As anti-sufragistas", *A República*, n.º 116, 04/08/1908, pp. 2-3; "O plebiscito das mulheres portuguesas", *A República*, n.º 122, 11/08/1908; pp. 1-2; "Pedagogia - Maus castigos", *A República*, n.º 124, 13/08/1908, p. 2; "A Ideia - Aos que combatem a verdade", *A República*, n.º 126, 17/08/1908, p. 2; "Um presidente à altura..." [Crítica à actuação do padre Leitão como presidente do júri de exames da instrução primária], *A República*, n.º 128, 19/08/1908, p. 2; "D. Beatriz Pinheiro", *A República*, n.º 208, 20/08/1908, pp. 1-2; "O divórcio", *A República*, n.º 130, 21/08/1908, p. 3; "Atitude da mulher portuguesa perante a situação actual"; "Padre Leitão" [Comentário a um artigo do jornal *O Mundo*], *A República*, n.º 131, 22/08/1908, p. 2; "O Aljube"; "Publicações recebidas", *A República*, n.º 135, 27/08/1908, p. 2; "Liga Republicana das Mulheres Portuguesas", *A República*, n.º 137, 29/08/1908, p. 2; "D. Sofia Quintino", *A República*, n.º 138, 31/08/1908, pp. 1-2; "Povos cultos", *A República*, n.º 140, 02/09/1908, p. 2; "Instruir e Educar"; "O plebiscito das mulheres portuguesas", *A República*, n.º 142, 04/09/1908, p. 2; "Liga Republicana das Mulheres Portuguesas", *A República*, n.º 144, 07/09/1908, p. 2; "Ainda a propósito da Liga", *A República*, n.º 146, 09/09/1908, pp. 1-2; "A Missa Democrática - A mulher e a religião", *A Vanguarda*, 22/09/1908, p. 1; "A Missa Democrática - A mulher e a Igreja", *A Vanguarda*, 25/09/1908, p. 1; "Pensamentos e Opiniões", *A República*, n.º 168, 05/10/1908, p. 2; "O eterno preconceito", *A República*, n.º 170, 07/10/1908, p. 2; "Considerações"; "Fanatismo", *A República*, n.º 172, 09/10/1908, p. 2; "O plebiscito das mulheres portuguesas" [Divulgação dos resultados do plebiscito e considerações acerca dos mesmos]; "A idade do casamento", *A República*, n.º 173, 10/10/1908, p. 3; "A inauguração do Centro Escolar 'A Luta' - Em Queluz", *A República*, n.º 174, 12/10/1908, p. 2; "A nossa solidariedade" [Homenagem a Boto Machado pela campanha intentada contra a prostituição regulamentada], *A República*, n.º 178, 16/10/1908, p. 2; "A boa mãe" [Crítica literária ao livro de Ana de Castro Osório], *A República*, n.º 179, 17/10/1908, p. 2; "A 'Luta' feminista", *A República*, n.º 180, 19/10/1908, p. 2; "Chapéus de plumas", *A República*, n.º 181, 20/10/1908, p. 2; "Curso Dominical para mulheres", *A República*, n.º 183, 22/10/1908, p. 2; "Profissionais", *A República*, n.º 187, 27/10/1908, p. 2; "Prémios escolares. Considerações", *A República*, n.º 188, 28/10/1908, p. 2; "Fraternizemos" [A propósito de um artigo de Fernão Boto Machado que propunha às mulheres da "Liga" que levassem o conforto e a redenção da palavra e da virtude às suas irmãs no prostíbulo, na cadeia e no hospital]; "Considerações acerca de uma subscrição, lançada por Boto Machado no jornal *Vanguarda*, a favor de Maria de Sousa, "desflorada, fecundada e abandonada pelo miserável agente da polícia, o 1271", *A República*, n.º 189, 29/10/1908, p. 2; "Prémios escolares", *A República*, n.º 191, 31/10/1908, p. 2; "Por amor de Deus", *A República*, n.º 196, 06/11/1908, p. 2; "A mulher portuguesa na política", *A República*, n.º 205, 17/11/1908, p. 2, n.º 206,

18/11/1908, p. 2; "Discurso proferido no Teatro Escola Heliodoro Salgado, em sessão de homenagem a Fernão Boto Machado", *A República*, n.º 212, 25/11/1908, p. 2; *A Conquista*, Lisboa, Livraria Central Gomes de Carvalho, 1909; "A inferioridade das mulheres", *A Vanguarda*, 02/01/1909, p. 1; "As mulheres e a política", *A Vanguarda*, 05/01/1909, p. 1; "A mulher ignorante e a reacção - I", *A Vanguarda*, 14/01/1909, p. 1; "A mulher ignorante e a reacção - II", *A Vanguarda*, 17/01/1909, p. 1; "A mulher ignorante e a reacção - III", *A Vanguarda*, 23/01/1909, p. 1; "A acção benéfica das escolas laicas", *A Vanguarda*, 24/01/1909, p. 1; "Aspirações femininas", *A Vanguarda*, 06/02/1909, p. 1; "Carta aberta a uma dama franquista", *A Vanguarda*, 09/02/1909, p. 1; "Porque me fiz livre-pensadora", *A Vanguarda*, 13/02/1909, p. 1, 18/02/1909, p. 1, 20/02/1909, p. 1, 27/02/1909, p. 1, 04/03/1909, p. 1, 07/03/1909, p. 1; "O ensino da doutrina nas escolas laicas", *A Vanguarda*, 12/03/1909, p. 1; "Preconceitos e Convenções", *A Vanguarda*, 23/03/1909, p. 1; "Democracia e religião", *A Vanguarda*, 26/03/1909, p. 1; "Jeanne d'Arc", *A Vanguarda*, 30/03/1909, p. 1; "Os feriados religiosos nas escolas laicas", *A Vanguarda*, 06/04/1909, p. 1; "Macaquices do Catolicismo", *A Vanguarda*, 12/04/1909, p. 1; "A religião de ontem e a religião de amanhã", *A Vanguarda*, 16/04/1909, p. 1; "Desigualdades sociais", *A Vanguarda*, 21/04/1909, p. 1; "A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas - Acudamos aos nossos irmãos portugueses", *A Vanguarda*, 26/04/1909, p. 1; "Instrução", *A Vanguarda*, 03/05/1909, p. 1; "Religiões comparadas (Fragmentos)", *A Vanguarda*, 09/05/1909, p. 1; "O misoginismo do Papa", *A Vanguarda*, 11/05/1909, p. 1; "Missão Escolar - I", *A Vanguarda*, 15/05/1909, p. 1; "Missão Escolar - II", *A Vanguarda*, 16/05/1909, p. 1; "O culto da Primavera", *A Vanguarda*, 21/05/1909, p. 1; "Missão Escolar - III", *A Vanguarda*, 22/05/1909, p. 1; "Uma vista retrospectiva", *A Vanguarda*, 27/05/1909, p. 1; "A mulher no cristianismo", *A Vanguarda*, 30/05/1909, p. 1; "Missão Feminina", *A Mulher e a Criança*, n.º 2, maio, 1909, p. 6; "Na brecha", *A Vanguarda*, 05/06/1909, p. 1; "Ser honesto", *A Vanguarda*, 10/06/1909, p. 1; "Não pode ser", *A Vanguarda*, 12/06/1909, p. 1; "O sufrágio Feminino", *A Vanguarda*, 16/06/1909, p. 1; "Pró Ideal", *A Vanguarda*, 25/06/1909, p. 1; "Mártires", *A Vanguarda*, 01/07/1909, p. 1; "Deseeducação popular", *A Vanguarda*, 09/07/1909, p. 1; "Boémia infantil", *A Vanguarda*, 12/07/1909, p. 1; "As vítimas da rotina", *A Vanguarda*, 15/07/1909, p. 1; "O perigo negro", *A Vanguarda*, 22/07/1909, p. 1; "As sufragistas triunfam", *A Vanguarda*, 24/07/1909, p. 1; "Libertas", *A Vanguarda*, 29/07/1909, p. 1; "Um triunfo", *A Vanguarda*, 05/08/1909, p. 1; "Abaixo a reacção clerical e o jesuitismo", *A Vanguarda*, 10/08/1909, p. 1; "Discurso pronunciado pela ilustre escritora e nossa prezada consócia Maria Veleda na sessão de propaganda realizada na sede da Liga, no dia 12 de setembro próximo passado", *A Mulher e a Criança*, n.º 7, outubro, 1909, pp. 2-7; "Um episódio trágico - Mãe que mata um filho por asfixia - Trata-se de averiguar como o caso ocorreu", *A Mulher e a Criança*, n.º 9, dezembro, 1909, pp. 14-15; "Missão Democrática - As mulheres na assistência pública - Deus na escola", *A Vanguarda*, 01/05/1910, p. 2; "Vida Republicana - Discurso proferido na Escola-Oficina N.º 1" [em 1 de maio de 1910], *O Mundo*, 02/05/1910, p. 2; "A mulher moderna e a sua missão sociológica - I" [A questão feminista desperta sempre o mesmo entusiasmo], *A Vanguarda*, 15/05/1910, p. 3; "A mulher moderna e a sua missão sociológica - II" [Os

direitos políticos da mulher], *A Vanguarda*, 22/05/1910, p. 2; “A Mulher e o confessorário”, *A Mulher e a Criança*, n.º 12, maio, 1910, pp. 2-4; “Escrava”, *A Mulher e a Criança*, n.º 13, junho, 1910, pp. 9-11; “A ‘Obra Maternal’”, *A Mulher e a Criança*, n.º 14, julho, 1910, p. 5; “Evolução e Revolução”, *A Mulher e a Criança*, n.º 15, agosto, 1910, pp. 3-4; “Missas Democrática – Moral de Convenção”, *A Vanguarda*, 07/08/1910, p. 1; “A educação integral da mulher – Foi a França o primeiro país que trabalhou pela emancipação feminina, resistindo-lhe o altar e o trono”, *Revista Pedagógica*, n.º 153, 08/09/1910, p. 1; “A educação integral da mulher – A educação integral pretende que a cada aptidão do indivíduo assista o direito de se desenvolver plenamente”, *Revista Pedagógica*, n.º 154, 15/09/1910, p. 1; “A educação integral da mulher – A educação manual e a educação física são indispensáveis para conseguir a educação integral”, *Revista Pedagógica*, n.º 155, 29/09/1910, p. 1; “O artigo 11.º”, *A Mulher e a Criança*, n.º 16, setembro, 1910, pp. 7-8; “Burocratomania”, *A Mulher e a Criança*, n.º 18, novembro, 1910, pp. 4-6; “O voto às mulheres portuguesas”, *A Mulher e a Criança*, n.º 19, dezembro, 1910, pp. 6-7; “Enfermagem laica”, *O Mundo*, 05/12/1910, p. 4; “Burocratomania”, *A Vanguarda*, 11/12/1910, pp. 1-2; “As mulheres portuguesas e a crítica – Missa Democrática – Reflexões de um marido”, *A Vanguarda*, 25/12/1910, p. 1; “Missa Democrática – As vítimas da disciplina”, *A Vanguarda*, 01/01/1911, p. 1; “Celebidades Portuguesas – Alexandre Herculano”, *A Mulher e a Criança*, n.º 20, janeiro, 1911, pp. 6-7; “A nossa propaganda”, *A Mulher e a Criança*, n.º 22, março, 1911, pp. 4-6; “A Tribuna Feminina – A propósito da reforma da lei eleitoral”, *O Tempo*, n.º 11, 26/03/1911, p. 3; “A Tribuna Feminina – As mulheres devem votar?”, *O Tempo*, n.º 25, 09/04/1911, p. 3; “A Tribuna Feminina – O que ‘eles’ dizem”, *O Tempo*, n.º 40, 24/04/1911, p. 3; “A Tribuna Feminina – Os professores primários do ensino livre”, *O Tempo*, n.º 43, 27/04/1911, p. 3; “Os professores de ensino livre – Porque se não faz o inquérito que a classe reclama?”, *A Capital*, 27/04/1911, p. 3; “A Tribuna Feminina – A propósito das reclamações dos professores de ensino livre”, *O Tempo*, n.º 51, 05/05/1911, p. 2; “A Tribuna Feminina – A Conquista do voto”, *O Tempo*, n.º 59, 13/05/1911, p. 2; “A Tribuna Feminina – Amicus Plato...”, *O Tempo*, n.º 63, 17/05/1911, p. 3; “A Tribuna Feminina – Braço! Armas!”, *O Tempo*, n.º 77, 31/05/1911, p. 3; “Os professores de ensino livre devem e podem ser chamados a fazer parte dos júris de exames, em que darão provas da sua competência”, *A Capital*, 31/05/1911, p. 2; “Ana de Castro Osório”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, maio, 1911, p. 7; “Nenúfares”, n.º 24, maio, 1911, pp. 8-9; “Há que distinguir – A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas não é o mesmo que a Associação de Propaganda Feminista – E foi esta que pediu o sufrágio feminino, o que não quer dizer que a outra não trabalhe por ele”, *A Capital*, 28/07/1911, p. 2; “Agradecimento”, *A Madrugada*, n.º 1, 31/08/1911, p. 2; “Só se prostitui quem quer”, *A Madrugada*, n.º 6, 31/07/1912, p. 2; “A Autoridade Marital”, *A Madrugada*, n.º 7, 29/02/1912, p. 2; “Replicando”, *A Madrugada*, n.º 8, 31/03/1912, p. 3; “Conferência Realizada no Centro Republicano Democrático do Porto, em 14 de julho, pela nossa camarada Maria Veleda”, *A Madrugada*, n.º 12, 31/07/1912, p. 4, n.º 13, 31/08/1912, p. 4, n.º 14, 30/09/1912, p. 3, n.º 15, 31/10/1912, p. 4, n.º 16, 30/11/1912, p. 3, n.º 18, 31/01/1913, p. 4, n.º 19, 28/02/1913, p. 4; “Improviso” [Quadra], *A Madrugada*, n.º

13, 31/08/1912, p. 1; “Roosevelt e o feminismo”, *A Folha*, 22/12/1912, p. 2; “A propósito do nosso terceiro aniversário”, *A Madrugada*, n.º 25, 31/08/1913, p. 1; “Porque querem as mulheres votar?”, *A Madrugada*, n.º 16, 30/11/1912, p. 1; “1910 a 1913”, *A Madrugada*, n.º 26, 30/09/1913, p. 1; “O último voo”, *A Madrugada*, n.º 26, 30/09/1913, p. 3; “A Obra da República”, *A Madrugada*, n.º 27, 31/10/1913, p. 1; “Spleen” [Soneto dedicado a Maria Evelina de Sousa], *A Madrugada*, n.º 29, 31/12/1913, p. 2; “Quadra”, *A Madrugada*, n.º 29, 31/12/1913, p. 3; “Spleen” [A Maria Evelina de Sousa], *A Folha*, 25/01/1914, p. 1; “Ala dos Pequenos – A Corça”, *A Madrugada*, n.º 31, 28/02/1914, p. 3; “Contra o alcoolismo”, *A Madrugada*, n.º 32, 31/03/1914, p. 2; “A Mantilha” [Conto Algarvio dedicado ao Sr. Dr. Sousa Costa], *A Madrugada*, n.º 33, 30/04/1914, p. 2; “A Mantilha” [Contos algarvios], *A Folha*, 14/06/1914, pp. 2-3; “A Mantilha”, *A Folha*, 06/07/1914, pp. 2-3; “Luz, mais Luz”, *A Madrugada*, n.º 35, 31/08/1914, p. 1; “Ala dos Pequenos – O segredo de Júlia” [Conto dedicado a Júlia da Luz, da Obra Maternal, como prémio do aproveitamento escolar], *A Madrugada*, n.º 35, 31/08/1914, p. 4; “Uma data gloriosa – 5 de Outubro”, *A Madrugada*, n.º 36, 31/10/1914, p. 1; “Uma data gloriosa – 5 de Outubro”, *A Folha*, 22/11/1914, pp. 2-3; “Para onde vamos!”, *A Madrugada*, n.º 38, 31/01/1915, p. 1; “Anónimos”, *A Madrugada*, n.º 38, 31/01/1915, p. 2; “Dr. Afonso Costa”, *A Madrugada*, n.º 41, 31/07/1915, p. 1; “Cândido” [Ao meu filho], *A Folha*, 29/08/1915, p. 2; “Cantares”, *A Madrugada*, n.º 42, 30/09/1915, p. 3; “As sócias”, *A Madrugada*, n.º 42, 30/09/1915, p. 3; “Carta”, *O Mundo*, 03/11/1915, p. 3; “Discurso da Sr.ª D. Maria Velede em nome da Associação de Propaganda Feminina Democrática”, *O Mundo*, 20/11/1915, p. 5; “A mulher na agricultura, nas indústrias regionais e na administração municipal”, *A Semeadora*, n.º 6, 15/12/1915, p. 2; “Soneto”, *O Século*, 13/05/1917; “Pelo Astral”, *Folha de Trancoso*, 15/07/1917; “Carta Aberta de Maria Veleda”, *A Luta*, 18/07/1917; “A Asa”, *A ASA*, n.º 1, janeiro, 1919, pp. 1-4; “Luz e Amor”, *A ASA*, n.º 1, janeiro, 1919, p. 5; “Informações – Uma iniciativa de Espiritistas”, *A ASA*, n.º 1, janeiro, 1919, p. 17; “Informações”, *A ASA*, n.º 3, março, 1919, p. 2; “Pátria Ideal”, *A ASA*, n.º 3, março, 1919, pp. 37-39; “A Propósito”, *A ASA*, n.º 5, maio, 1919, pp. 71-73; “Desfazendo um equívoco”, *A ASA*, n.º 5, maio, 1919; “Informações – Permutas”, *A ASA*, n.º 5, maio, 1919; “Em toda a parte: Notícias e comentários”, *A ASA*, n.º 6, junho, 1919, p. 86; “A sombra de Tartufo”, *A ASA*, n.º 7, julho, 1919, pp. 101-104; “A Assinatura da Paz”, *A ASA*, n.º 7, julho, 1919, p. 116; “Em risco de excomunhão”, *A ASA*, n.º 7, julho, 1919, p. 116; “Informações – Publicações recebidas”, *A ASA*, n.º 7, julho, 1919; “Ao intemperato caudilho da liberdade, ao enérgico campeão do pacifismo – Magalhães Lima”, *A ASA*, n.º 8, agosto, 1919, p. 117; “A maldição do diamante azul”, *A ASA*, n.º 8, agosto, 1919, p. 117; “Avisos e Revelações”, *A ASA*, n.º 8, agosto, 1919, pp. 119-122; “O mundo após a guerra – Os astros e as profecias – Uma curiosa entrevista do ‘Excelsior’”, *A ASA*, n.º 8, agosto, 1919, pp. 125-126; “Duas quadras”, *A ASA*, n.º 11, novembro, 1919, p. 167; “Blanco y negro”, *A ASA*, n.º 11, novembro, 1919, p. 174; “O Espiritismo no Teatro”, *A ASA*, n.º 12, dezembro, 1919, pp. 186-187; “Em toda a parte: Casas de Cristo destinadas a receber os desamparados – Escola Maternal”, *A ASA*, n.º 12, dezembro, 1919, p. 196; “A vida conventual – Recordações de uma terceira dominicana, recolhidas por uma livre-pensadora”, *O Sécu-*

lo, 29/12/1919; “Contra a roleta”, *O Século*, 24/02/1920; “Os verdadeiros proletários e a carestia do calçado – É preciso reagir contra os exploradores e criar iniciativas!”, *O Século*, 03/03/1920; “Pela Fé e pelo Trabalho – Dois portugueses ilustres preconizam a religião da Bondade, esperando que Portugal se levante pelo Trabalho e pela Fé”, *O Século*, 10/03/1920; “Fala D. Carmen de Burgos – “O problema feminino em Espanha” – O que a ilustre escritora disse sobre o estado social da mulher no país vizinho”, *O Século*, 04/04/1920; “Em prol dos pequenos e dos oprimidos – Missão evangelizadora de Paulina Luisi”, *O Século*, 12/04/1920; “A Universidade Popular Portuguesa – Uma Instituição modelar – Obra de educação social – Um grande plano em marcha para o ressurgimento da Pátria”, *O Século*, 12/05/1920; “Uma grande iniciativa de carácter nacional”, *Notícias do Norte*, 06/06/1920, p. 1; “Uma grande iniciativa de carácter nacional”, *O Rio Maiorense*, 10/06/1920; “Educação Social – O Trabalho – É uma lei da Natureza, e não a consequência do “pecado original” – Necessidade de modificar a educação para transformar os costumes”, *O Século*, 16/08/1920; “Semana Trágica – Os forçados da vida – Inutilidade dos atentados pessoais – Ausência de Ideal e falta de religião – O 5.º Mandamento”, *O Século*, 21/08/1920; “Actualidades – As “Juventudes” na Política – Do “Integralismo” ao “Sindicalismo” imberbe – Os dirigentes dos Partidos, as famílias e os governos – “Quem abrolhos semeia...”, *O Século*, 23/08/1920, p. 1; “Psicologia da Treva” [Secção Literária], *O Futuro*, n.º 1, fevereiro, 1921, p. 12; “O Fanatismo Espírita”, *O Futuro*, n.º 3, abril, 1921, pp. 1-3; “Quid est veritas?”, *O Futuro*, n.º 3, abril, 1921, p. 3; “A febre do divórcio”, *O Futuro*, n.º 3, abril, 1921, pp. 4-7; “A vaidade”, *O Futuro*, n.º 4, maio, 1921, pp. 1-3; “O Bem e o Mal”, *O Futuro*, n.º 5, junho, 1921, pp. 1-4; “Explicações necessárias”, *O Futuro*, n.º 6, junho, 1922, p. 2; “Casos de desdobraimento”, n.º 6, junho, 1922, pp. 3-5; “O Ciúme”, *O Futuro*, n.º 7, julho, 1922, pp. 3-5; “A mais bela das Virtudes”, *O Futuro*, n.º 8, agosto-outubro, 1922, pp. 13; “O Pseudónimo”, *Luz e Caridade*, novembro, 1921, pp. 129-131; “Noite de Natal – *Sinite párvulos venire ad me*” [À minha querida amiguinha, Acácia de Carvalho Gonçalves], *Luz e Caridade*, janeiro, 1922, pp. 175-178; “O egoísmo”, *Luz e Caridade*, junho, 1922, pp. 342-344; “Luz e Amor”, *O Futuro*, n.º 10, fevereiro-maio, 1923, pp. 1-2; “Justiça”, *O Futuro*, n.º 3, novembro, 1923, pp. 33-35; *Casa Assombrada*, Lisboa, edição da Empresa “O Futuro”, 1923; “Quadra”, *A ASA*, n.º 2, novembro, 1924, p. 40; “Fogueiras de S. João”, *Correio do Sul*, 24/01/1925, p. 1; “A favor do nosso cofre de propaganda e beneficência – Récita no Asilo de Santo António”, *A ASA*, n.º 4, janeiro, 1925, p. 63; “1.º Congresso Espírita Português”, *A ASA*, n.º 6, março, 1925, pp. 85-86; “Carteira Poética – Última Jornada”, *A ASA*, n.º 6, março, 1925, p. 89; “Portugal, terra de poetas”, “Última jornada”, *A Pátria*, 09/04/1925, p. 2; “D’Algures”, *A Pátria*, 09/04/1925, p. 2; “1.º Congresso Espírita Português – Teses”, *A ASA*, n.º 7, abril, 1925, pp. 99-108; “‘A Tarde’ jornal diário, fazendo a propaganda do 1.º Congresso Espírita Português...”, *A ASA*, n.º 7, abril, 1925, p. 109; “De Lisboa”, *A Pátria*, 23/07/1925, p. 3; “Nós e o ‘Futuro’”, *A ASA*, n.º 10, julho, 1925, p. 157; “Exterior”, “D’Algures – De Lisboa”, *A Pátria*, 13/08/1925, p. 2; “Exterior”, “D’Algures – De Lisboa”, *A Pátria*, 20/08/1925, p. 2; “Exterior”, “D’Algures – De Lisboa”, *A Pátria*, 10/09/1925, p. 2; “Exterior”, “D’Algures – De Lisboa”, *A Pátria*, 22/09/1925, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 25/09/1925, p. 2; “Mis-

são Cumprida”, *A ASA*, Ano II, n.º 1, outubro, 1925, pp. 1-6; “Carteira Poética – As asas mais belas”, *A ASA*, Ano II, n.º 1, outubro, 1925, p. 17; “Campanha Espírita”, *A ASA*, Ano II, n.º 1, outubro, 1925, pp. 33-34; “De Lisboa”, *A Pátria*, 09/10/1925, p. 2; “De Lisboa”, *A Pátria*, 20/10/1925, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 23/10/1925, p. 2; “Uma Bela Oração”, *A ASA*, Ano II, n.º 2, novembro, 1925, pp. 39-41; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 13/11/1925, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 17/11/1925, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 24/11/1925, p. 2; “Carta Aberta – Aos leitores de ‘A Asa’ e sócios do C. E. ‘Luz e Amor’”, *A ASA*, Ano II, n.º 3, dezembro, 1925, pp. 56-60; “Fotografia post-mortem”, *A ASA*, Ano II, n.º 3, dezembro, 1925, p. 60; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 11/12/1925, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 18/12/1925, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 10/01/1926, p. 2; “Exterior”, “De Lisboa”, *A Pátria*, 05/02/1926, p. 2; “General Viriato Passaláqua”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 1, 14/04/1926, pp. 6-7; “O Espiritismo na Berlinda”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 2, 14/05/1926, pp. 22-23; “Visão a distância”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 3, 14/07/1926, pp. 44-45; “A Lisonja”, “Resposta à ‘Época’”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 4, 14/08/1926, pp. 54, 58; “Uma carta”, *Ecos do Além*, 30/09/1926, pp. 139-142; “Explicações necessárias”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 5, 14/10/1926, pp. 70-71; “A Religião na Escola”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 6, 14/11/1926, pp. 83-84; “Comunicações para estudo”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 6, 14/11/1926, pp. 93-94; “Para que serve o Espiritismo?”, *Luz e Caridade*, setembro, outubro e novembro, 1927; “Intolerância e Dogmatismo”; “As crianças portuguesas”; “A pena de morte”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 1, novembro, 1927, pp. 3-4, 7, 20-22; “A lei do Amor”, *Luz e Caridade*, dezembro, 1927, p. 150-152; “A Mulher através dos tempos – I”, *A Revista de Espiritismo*, janeiro-fevereiro, 1935, pp. 10-14; “A Mulher através dos tempos – II”, *A Revista de Espiritismo*, maio-junho, 1935, pp. 108-112; “A Mulher através dos tempos – III”, *A Revista de Espiritismo*, Set.-Out., 1935, pp. 185-190; “Santa Kaaba” [Líricas e Poemas], *O Mensageiro Espírita*, Set.-Out., 1935; “Educação Infantil”, *O Mensageiro Espírita*, janeiro-fevereiro, 1936, pp. 11-12; “Um rião...”, *O Mensageiro Espírita*, janeiro-fevereiro, 1937; “Psicologia das cores” (Ciências, Artes e Letras), *O Mensageiro Espírita*, Set.-Out., 1937; “Le monde marche...”, *O Mensageiro Espírita*, Set.-Out., 1937, p. 107; “Perdoar”, *O Mensageiro Espírita*, janeiro-fevereiro, 1938, pp. 155-156; “Resgate” [Inédito de Maria Velede – Especial para *A Província de Angola*], *A Província de Angola*, 30/04/1939; “Recordando”, *Estudos Psíquicos*, Nov-Dez., 1940, pp. 235-236; “Cristo” [Inédito de Maria Velede (Para o meu filho)], *A Província de Angola*, 15/02/1942; “Sob o véu da tua graça”, *Província de Angola*, s.a.; “É a guerra”, *A Província de Angola*, s.a.; “Senhor! Senhor!”, *Estudos Psíquicos*, Set.-Out., 1942, p. 220; “Maria Emília de Carvalho Gonçalves”, *Estudos Psíquicos*, janeiro-fevereiro, 1943, pp. 274-275; “Improvisos” [Dedicado à irmã em crenças, D. Emília Pomar de Sousa Machado], *Luz e Caridade*, maio, 1943; “Atribuições de Esperidião”, *Estudos Psíquicos*, maio-junho, 1943, pp. 231-232; “Consciência”, *Luz e Caridade*, junho de 1943; “Boémia do Espírito”, *Estudos Psíquicos*, novembro-dezembro, 1943; “Sempre!...” [À memória de D. Emília Pomar de Sousa Machado], *Luz e Caridade*, janeiro, 1945; “Quadros Bíblicos – ‘A mulher adúltera’; ‘Pecadora’”, *Luz e Caridade*, fevereiro, 1945; “Quadros Bíblicos – Jesus e os pequeninos”;

"A última Ceia", *Luz e Caridade*, março, 1945; "Filho Pródigo", *Estudos Psíquicos*, março-abril, 1945; "Quadros Bíblicos – 'Em Gethsemani'; 'Paixão'", *Luz e Caridade*, abril, 1945; "Se teu irmão pecar contra ti..." [Excerto], *Luz e Caridade*, maio, 1945, p. 166; "Espiritismo antigo", *O Mensageiro Espírita*, maio-junho, 1945, p. 12; "Conte o seu caso... – Como se tornou espírita – Maria Veleda, professora, escritora e jornalista de estilo fácil e verbo alician-te, recorda alguns fenômenos da infância e a sua iniciação no Espiritismo", *Estudos Psíquicos*, n.º 8, junho, 1945, pp. 244-246; "O filho pródigo", *Luz e Caridade*, julho, 1945; "Ressurreição de Lázaro", *O Mensageiro Espírita*, julho-agosto, 1945; "Naufrágio", *Luz e Caridade*, agosto, 1945; "O espiritismo enlouqueceu?", *O Mensageiro Espírita*, Set-Out., 1945, p. 1; "Saudade", *Diário de Luanda*, 14/10/1945; "Escalaço na seara", *O Mensageiro Espírita*, janeiro-fevereiro, 1946, p. 2; "Cegos", *Estudos Psíquicos*, n.º 3, março, 1946, p. 69; "Saudade", *Estudos Psíquicos*, n.º 4, abril, 1946, p. 114; "O Carmo e a Trindade", *O Mensageiro Espírita*, julho-agosto, 1946, p. 1; "Não é verdadeiro espírita", *Estudos Psíquicos*, n.º 8, agosto, 1946, p. 242; "Batendo na cabeça do prego", *O Mensageiro Espírita*, novembro-dezembro, 1946, pp.1-2; "Uma carta amabilíssima da ilustre escritora Maria Veleda", *República*, 29/01/1948; "Vaidades...", *Revista de Metapsicologia*, janeiro, 1949, p. 3; "Casa de Repouso para Espíritas", *Revista de Metapsicologia*, março, 1949, pp. 55-56; "Opiniões", *Revista de Metapsicologia*, junho, 1949, pp. 125-126; "Livre-Pensamento", *Revista de Metapsicologia*, julho, 1949, pp. 147-148; "Sonhos – Contributo para o estudo dos fenômenos oníricos – I", *Revista de Metapsicologia*, agosto, 1949, pp. 175-177; "Sonhos – Contributos para estudo dos fenômenos oníricos – II", *Revista de Metapsicologia*, setembro, 1949, pp. 194-196; "O Anjo do Lar", *Revista de Metapsicologia*, novembro, 1949, pp. 245-246; "Disse-me certo dia...", *Revista de Metapsicologia*, dezembro, 1949, pp. 271-272; "É este o sumário das 'Memórias' de Maria Veleda que a República principia amanhã a publicar", *República*, 25/02/1950, p. 4; "Memórias de Maria Veleda", *República*, 26/02/1950, p. 5, 27/02/1950, pp. 1, 4, 01/03/1950, p. 3, 03/03/1950, p. 11, 05/03/1950, p. 4, 06/03/1950, p. 4, 07/03/1950, p. 3, 09/03/1950, p. 5, 11/03/1950, p. 3, 12/03/1950, p. 4, 13/03/1950, p. 7, 19/03/1950, p. 3, 21/03/1950, p. 3, 22/03/1950, p. 8, 24/03/1950, p. 8, 28/03/1950, p. 5, 29/03/1950, p. 6, 31/03/1950, p. 11, 03/04/1950, p. 3, 04/04/1950, p. 10, 05/04/1950, p. 7, e 11/04/1950, p. 8; "Carta Aberta ao Confrade A. M. da Silva", *Revista de Metapsicologia*, maio, 1950, pp. 107-108; "Religião – Sem nome", *República*, 03/08/1952; "Lisboa no meu tempo – Recordações – I", *República*, 05/12/1952; "Lisboa no meu tempo – Recordações – II", *República*, 13/01/1953; "Lisboa no meu tempo – Recordações – III", *República*, 06/01/1953; "Recordações" [Faro e a precisão de S. Sebastião], *Correio do Sul*, 13/06/1953; "Recordações" [Faro e a festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo], *Correio do Sul*, 23/06/1953; "Eça de Queiroz", *República*, 27/07/1953; "A Família", *Luz e Caridade*, julho, 1953, pp.6-7; "Separatividades e a diversidade de idiomas", *República*, 23/08/1953; "A cor das almas", *Luz e Caridade*, agosto, 1953; "A mulher moderna..." [Comentários], *República*, 06/09/1953; "Recordações" [Faro e o Teatro Lethes], *Correio do Sul*, 17/09/1953; "Ascese", *Luz e Caridade*, setembro, 1953, pp. 38-40; "Recordações" [Faro e os seus Bispos e Poetas], *Correio do Sul*, 15/10/1953; "Remorso ou arrependimento?", *Luz e Caridade*, outubro, 1953, pp.

54-55; "Viva a República!", *República*, 11/11/1953; "Recordações" [Faro e a família Crispim], *Correio do Sul*, 19/11/1953; "Amor", *Luz e Caridade*, novembro, 1953, pp. 70-71; "Recordações" [Faro e o Natal], *Correio do Sul*, 24/12/1953; "Natal", *Luz e Caridade*, dezembro, 1953, pp. 86-87; "Recordações" [Faro e os lazeres femininos], *Correio do Sul*, 07/01/1954; "Tolerância", *Luz e Caridade*, janeiro, 1954, p. 102; "O nosso Karma", *Luz e Caridade*, fevereiro, 1954, p. 118; "Luz! Mais Luz!", *Luz e Caridade*, março, 1954, p. 134; "Fé", *Luz e Caridade*, maio, 1954, p. 166; "Esperança", *Luz e Caridade*, junho, 1954, p. 182; "Caridade", *Luz e Caridade*, julho, 1954, pp. 6-8; "Sonhando..." [Para o meu neto, no seu aniversário natalício], *República*, 08/08/1954; "Recordações" [Bernardo de Passos], *Correio do Sul*, 26/08/1954; "A Cruz", *Luz e Caridade*, agosto, 1954, pp. 22-23; "Um sonho" [Ao meu neto Pedro], *Luz e Caridade*, setembro, 1954, pp. 38-39; "Cegueira", *Luz e Caridade*, outubro, 1954, p. 54; "Porquê?", *Luz e Caridade*, novembro, 1954, pp.70-72; "Carta aberta a uma irmã protestante", *Luz e Caridade*, dezembro, 1954, p. 86; "A Madrugada" [Reprodução do artigo "1910 a 1913", publicado no jornal *A Madrugada*, em 30/9/1913], *Mulher, Modas e Bordados*, n.º 3268, 02/10/1974, p. 34; "Memórias de Maria Veleda" [Reprodução de excertos das "Memórias de Maria Veleda"], *Mulher, Modas e Bordados*, n.º 3276, 27/11/1974, p. 56; "Os precursores", *Fraternidade*, n.º 179, maio, 1979, pp.129-133.

Bib.: AA.VV., *História da República*, Lisboa, Editorial Século, 1960; A. A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal*, 4.º Volume – 1871-1900; Lisboa, ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração, S. A., Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1994, pp. 504, 522; *Idem*, 5.º Volume – 1901-1930, Lisboa, ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração, S. A., Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1999, pp. 61, 117, 149, 181; A. H. de Oliveira Marques, *Correspondência Política de Afonso Costa – 1896-1910*, Lisboa, Editorial Estampa, 1982; *Idem*, *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, II Volumes, Lisboa, Editorial Delta, 1986; Adelaide Ivone de Sousa, "D. Maria Veleda", *Estudos Psíquicos*, n.º 4, abril, 1955, p. 103; Alberto Osório de Castro, "Virgens Fátuas" [Poema dedicado a Maria Veleda], n.º 5, 31/12/1911, p. 2; Américo Lopes de Oliveira, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1981; Ana de Castro Osório, "A mulher perante a lei", *A Vanguarda*, 17/03/1909, p. 1; "Às mulheres portuguesas", *A Vanguarda*, 16/07/1909, p. 1; "Às minhas consócias da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e a todas as mulheres liberais", *A Mulher e a Criança*, n.º 7, outubro, 1909, p. 2; "Carta Aberta – Minha querida Maria Veleda", *A Mulher e a Criança*, n.º 16, setembro, 1910, pp. 5-6; "Sufrágio feminino", *A Mulher e a Criança*, n.º 19, dezembro, 1910, pp. 2-3; "Correio do Brasil – Minha Cara Maria Veleda", *A Madrugada*, n.º 8, 31/03/1912, pp. 1-2; "O triunfo feminista – A conquista do voto", *O Tempo*, n.º 62, 16/05/1911, p. 1; "Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – Palavras que devia proferir D. Ana de Castro Osório na festa de aniversário da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas", *A Madrugada*, n.º 39, 09/03/1915, pp. 1-2; Ana Maria Costa Lopes, *O Conto Regional na Imprensa Periódica de 1875 a 1930*, Vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1990; António Freire, "Lei da Causalidade (Lei Kármica)", "A Exm.ª/ Senhora D. Maria Veleda: Fraternal homenagem ao Centro Espírita «Luz e Amor», pelo

primeiro aniversário do seu devotado campeão «A Asa»; e ainda pela forma brilhante como soube realizar o 1.º Congresso Espírita Português», *A ASA*, Ano II, n.º 1, outubro, 1925, pp. 7-16; “A Federação Espírita Portuguesa”, *Ecos do Além*, 15/06/1926, p. 49; “A Federação Espírita Portuguesa”, *Ecos do Além*, Números Especiais 173-174-175, agosto, 1926, pp. 97-121; “Esclarecendo”, *Ecos do Além*, 15/10/1926, pp. 164-166; António Ventura, *Anarquistas, Republicanos e Socialistas em Portugal – As convergências possíveis (1892-1910)*, Lisboa, Edição Cosmos, 2000; Artur Dória, “Noivos – À Senhora D. Maria Veleda”, *A Crónica*, março, 1904, p. 2; B. de O., “Reflexos e Reflexões. O pobre homem”, *Diário da Manhã*, 28/03/1950, p. 6; Cândido Guerreiro da Franca, *No Sertão dos Diamantes*, Vila Nova de Famalicão, Tipografia «Minerva», 1936; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Porto, Grifo, 1996; Elina Guimarães, “O papel sócio-político das mulheres na I República”, *Diário de Notícias*, 05/10/1976; Eugénia Vasques, *Mulheres que escreveram teatro no século XX em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2001; Fernando Catroga, *A militância laica e a des cristianização da morte em Portugal – 1865-1911*, II Volumes, Coimbra, 1988 [Tese de Doutoramento policopiada]; Fernando Marques da Costa, *A Maçonaria Feminina*, Lisboa, Editorial Vega, 1979; Helena Neves, “Voto para uma elite? Voto para todas as mulheres?”, *Mulheres*, n.º 25, 1980, pp. 22-23; “A Liga sob a direção de Maria Veleda”, *Mulheres*, n.º 27, 1980, pp. 22-23; Hortense de Almeida, “Mulheres Republicanas. Maria Veleda”, *Mulher, Modas e Bordados*, n.º 3328, 11/02/1976, pp. 34-38; *Idem*, “Maria Veleda, Professora e Educadora”, *Mulher, Modas e Bordados*, n.º 3330, 25/02/1976, pp. 12-15; *Idem*, “Maria Veleda. Três Depoimentos”, *Mulher, Modas e Bordados*, n.º 3332, 10/03/1976, pp. 38-40; *Idem*, “Maria Veleda, Republicana”, *Mulher, Modas e Bordados*, n.º 3333, 17/03/1976, pp. 35-39; *Idem*, “Maria Veleda”, Separata dos *Anais de Faro*, N.º XXV, pp. 143-159, Faro, 1995; João Gomes Esteves, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas: uma organização política e feminista (1909-1919)*, Lisboa, CIDM, 1992; *Idem*, *As origens do Sufragismo Português*, Lisboa, Edições Bizâncio, 1998; *Idem*, “A fidelidade das mulheres republicanas a Afonso Costa: a Associação Feminina de Propaganda Democrática (1915-1916)”, *Leituras*, Revista da Biblioteca Nacional, n.º 3, Outono de 1998; *Idem*, “O Movimento Feminista em Portugal – Periódicos (1899-1928)”, *Faces de Eva*, N.º 1-2, 1999, pp. 185-196; *Idem*, “Veleda, Maria – 26/2/1871 (Faro) – 8/4/1955 (Lisboa)”, *Dicionário de Educadores Portugueses* [dir. António Nóvoa], Lisboa, Editorial Asa, 2003; *Idem*, “Os primórdios do feminismo português: a 1.ª década do século XX”, *Revista Penélope. Fazer e desfazer a História*, N.º 25, Lisboa, 2001, pp. 87-112; *Idem*, “Falar de Mulheres: Silêncios e Memórias”, *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade*, [dir. Zília Osório de Castro, coord. António Ferreira de Sousa, Marília Favinha], Lisboa, Livros Horizonte, 2003; João Esteves, “Maria Carolina Frederico Crispim”, *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, pp. 605-614; João Lúcio, “Maria Veleda”, *A Crónica*, julho, 1902, p. 1; João Viegas Paula Nogueira, “A mulher através das sociedades. Extrato de uma Conferência realizada pelo Sr. Dr. Paulo Nogueira, em 26 de fevereiro, no último festival do C. E. Luz e Amor”, *A ASA*, Ano II, n.º 8, maio, 1925, pp. 118-119;

Joaquim Romero Magalhães, “Os ingleses no Algarve nos séculos XVII e XVIII”, Comunicação ao Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Faculdade de Letras do Porto, outubro de 1986, *Anais do Município de Faro*, n.º XIX, Faro, edição da Câmara Municipal de Faro, 1989; José A. Pinheiro e Rosa, “Presidentes e Vereações da Câmara Municipal de Faro desde 1867”, *Anais do Município de Faro*, N.º IV, Faro, 1974; José Carlos Vilhena Mesquita, *História da Imprensa do Algarve*, I e II Vol., Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve em colaboração com a Direção-Geral da Comunicação Social, 1988; *Idem*, *O Teatro Lethes – Breve apontamento histórico*, Faro, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 1988; José Maria Pereira Bravo, “«A ASA» Primeiro ano da sua publicação – A Asa destina-se a educar o Sentimento e fazer a propaganda Fraternalista, combatendo, assim, as razões irritadas e irritantes dos destituídos da Razão, da Lógica e do Bom-Senso. É este o seu programa inalterável”, *A ASA*, Ano II, n.º 11, agosto, 1925, p. 179; Luís Frederico, “Contos Alentejanos – Era-Não-Era”, *A Tradição*, n.º 8, agosto, 1901, pp.124-125; Luís Manuel Mateus, *Franco-Mações Ilustres nas Ruas de Lisboa*, Lisboa, Biblioteca-Museu República, 2003; Luísa Amorim, “Para uma intervenção, tem a palavra a Sr.ª Luísa Amorim (Deputada do PCP: – Sr/ Presidente, Sr.ªs Deputadas, Srs. Deputados, Sr.ªs e Srs. Convidados: Dou a palavra no Parlamento a Maria Veleda – mulher de uma luta ainda presente”, *Diário da Assembleia da República*, I Série – Número 60, 09/03/1988; Manuel F. de Lima Barreto, “A assistência a menores – Um apelo para que seja dado apoio moral à obra das Tutorias”, *A Pátria*, 11/12/1921, p. 2; Marcos Algarve, “D. Maria Veleda”, *República*, 19/01/1948; Maria Antónia Fiadeiro, “Mulheres a redescobrir – Veleda, Maria (1871-1955)”, *Boletim da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, n.º 6, junho, 1996; Maria de Olhão, “No dia da Mulher... Maria Veleda – Uma algarvia invulgar”, *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 16/03/1979, p. 1; Maria Glória Marreiros, *Quem foi quem? – 200 Algarvios do Século XX*, Lisboa, Editorial Colibri, 2000; Natividade Monteiro, *Maria Veleda (1871-1955) – Uma professora feminista, republicana e livre-pensadora. Caminhos trilhados pelo direito de cidadania* [Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres], Lisboa, Universidade Aberta, 2004 [texto policopiado]; *Idem*, *Maria Veleda (1871-1955)*, Lisboa, CIDM, 2004; *Idem*, *Maria Veleda. Uma professora feminista, republicana e livre-pensadora*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – Biblioteca Museu República e Resistência, 2005; *Idem*, “Maria Veleda no labirinto «espiritualista», místico e esotérico”, *Faces de Eva*, n.º 15, 2006, pp. 83-109; Nuno Catarino Cardoso, *Poetisas Portuguesas* [Antologia], Lisboa, Livraria Científica, 1917; Rodrigues Davim, “Cor de rosa – Da ilustre escritora algarvia Maria Veleda”, *A Folha de Beja*, n.º 483, 03/04/1902, p. 3; Rosa Maria Ballesteros Garcia, *Maria Veleda*, Madrid, Ediciones del Orto, Biblioteca de Mujeres, 2000; *Idem*, *El Movimiento Feminista Português del despertar Republicano a la exclusión Salazarista (1909-1947)*, Universidad de Málaga, Atenea, Estudios sobre la Mujer, 2001; Rosália Braancamp, “As Mulheres Portuguesas na Propaganda Republicana”, *República*, 06/10/1952, p. 12; *Idem*, “Como era considerada a Mulher em 1910? Responde a escritora Maria Veleda que nos conta dois episódios interessantes”, *República*,

04/10/1952, p. 11; Teodomiro Neto, “Os Algarvios do Século – Maria Veleda”, *O Algarve*, Faro, 01/04/1999, p. 1; Virgínia Quaresma, “Ainda as pseudo-feministas”, *A Vanguarda*, 06/08/1906, p. 2; Viriato Zeferino Passaláqua, “A Mulher”, *A ASA*, n.º 2, novembro, 1924, pp. 19-23; “Maria Veleda – Com o título «Soror Angústias» vai ser dado à publicidade um livro de contos, produção da nossa talentosa colaboradora”, *A Folha de Beja*, n.º 459, 17/10/1901, p. 2; “Maria Veleda – lecciona 1.º e 2.º Grau – Preço módico – Rua Libânio Fialho Gomes, Serpa”, *A Folha de Beja*, n.º 565, 29/10/1903, n.º 566, 05/11/1903, p. 2; “D. Maria Veleda”, *A Sociedade Futura*, 01/01/1904, p. 42; “D. Maria Veleda”, *A Folha de Beja*, n.º 576, 14/01/1904, p. 1 “A instrução em Portugal – Centro Escolar Dr. Afonso Costa” [c/ fot. de Maria Veleda com os alunos], *A Vanguarda*, 14/10/1906, p. 5; “Centro Escolar Fernão Boto Machado – Conferências pela Sr.ª D. Maria Veleda e Fernão Boto Machado”, *A Vanguarda*, 09/11/1906, p. 1; “Missão educativa” [Discurso proferido na Caixa Económica Operária a propósito do 8.º aniversário do Grémio Excursionista do Monte], *A Vanguarda*, 01/01/1907, p. 5; “A emancipação da mulher – Conferência realizada pela distinta professora D. Maria Veleda, a convite do Círio Civil do Monte”, *A Vanguarda*, 21/01/1907, p. 1; “Grémio Excursionista Civil do Monte – A conferência de D. Maria Veleda”, *O Mundo*, 21/01/1907, p. 2; “Livre Pensamento”, *A Vanguarda*, 03/02/1907, p. 1; “Propaganda Republicana – D. Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 26/03/1907, p. 2; “Propaganda anti-clerical – Conferência realizada ontem pela distinta professora D. Maria Veleda, na Escola Liberal em Pedrouços”, *A Vanguarda*, 30/03/1907, p. 1; “Sociedade Promotora da Educação Popular – Conferência da Ilustre professora D. Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 01/04/1907, p. 1; “Livre-Pensamento – Discurso proferido em Sacavém em comissão de propaganda do Registo Civil, pela insigne propagandista Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 14/04/1907, p. 4; “Centro Escolar Dr. Afonso Costa – Educação feminina”, 09/01/1908, p. 2; “Educação da mulher”, *A Vanguarda*, 11/01/1908, p. 1; “A mulher educadora – Conferência da Sr.ª D. Maria Veleda no Centro Republicano Dr. Afonso Costa – Cursos Femininos”, *A Vanguarda*, 13/01/1908, p. 1; “Maria Veleda”, *O Distrito de Faro*, 16/01/1908, p. 2; “D. Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 26/02/1908, p. 1; “D. Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 28/02/1908, p. 1; “D. Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 01/04/1908, p. 1; “Congresso Nacional do Livre Pensamento”, *O Mundo*, 20/04/1908, p. 2; “Congresso Nacional do Livre Pensamento”, *O Mundo*, 21/04/1908, pp. 1-3; “Congresso Pedagógico da Instrução Primária e Popular”, *O Mundo*, 22/04/1908, pp. 1-3; “Congresso Nacional do Livre Pensamento”, *O Mundo*, 23/04/1908, p. 2; “Congresso Nacional do Livre Pensamento”, *O Mundo*, 28/04/1908, p. 1; “Na Associação do Registo Civil celebrou-se uma sessão solene para comemorar o êxito do Congresso do Livre Pensamento...”, *Diário de Notícias*, 04/05/1908, p. 3; “D. Maria Veleda”, *A Vanguarda*, 12/05/1908, p. 1; “Maria Veleda”, *O Distrito de Faro*, 21/05/1908, p. 1; “Vida Republicana – Centro Escolar Fernão Boto Machado”, *O Mundo*, 29/09/1908, p. 2; “A Imprensa no Tribunal – A escritora Maria Veleda e o Dr. Magalhães Lima”, 20/02/1909, p. 1; “Livre Pensamento – Uma interessante festa feminista na Caixa Económica Operária”, *O Mundo*, 12/03/1909, p. 2; “No 3.º Distrito Criminal de Lisboa responde, em 19 do corrente mês, a

professora, nossa muito talentosa patrcia, [...] Maria Veleda...”, *O Distrito de Faro*, 08/04/1909, p. 1; “Os últimos abalos de terra – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 05/05/1909, p. 2; “O julgamento da «Vanguarda»”, *O Mundo*, 07/05/1909, p. 1; “Noticiário – O Congresso Republicano”, *A Mulher e a Criança*, n.º 2, maio, 1909, p. 6; “A catástrofe do Ribatejo”, *A Mulher e a Criança*, n.º 2, maio, 1909, p. 7; “Palavras do Dr. António José de Almeida”, n.º 2, maio, 1909, pp. 1-4; “A «Vanguarda» no tribunal – O julgamento de ontem”, *A Vanguarda*, 10/07/1909, p. 3; “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – A sessão de ontem”, *O Mundo*, 26/07/1909, p. 3; “Livre Pensamento – Na Associação do Registo Civil”, *O Mundo*, 16/08/1909, p. 3; “Expediente da Liga – Manifestação Liberal”, *A Mulher e a Criança*, n.º 5, agosto, 1909, pp. 13-15; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 07/09/1909, p. 3; “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – O progresso da agremiação – Necessidade de combater o clericalismo”, *O Mundo*, 13/09/1909, p. 3; “Sessão Solene – No Centro Escolar António José de Almeida”, *O Mundo*, 13/09/1909, p. 3; “Pela Instrução – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 27/09/1909, p. 1; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 14/10/1909, p. 2; “O protesto em Portugal – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 21/10/1909, p. 2; “Expediente da Liga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 7, outubro, 1909, p. 13; “Expediente da Liga – Sessão de protesto pelo fuzilamento de Ferrer”, *A Mulher e a Criança*, n.º 8, novembro, 1909, pp. 11-12; “Pela infância desprotegida «A Obra Maternal»”, *A Mulher e a Criança*, n.º 8, novembro, 1909, p. 13; “Expediente da Comissão de Propaganda”, *A Mulher e a Criança*, n.º 8, novembro, 1909, p. 13; “Expediente da Liga – Acta da reunião, em assembleia geral, da «Liga Republicana das Mulheres Portuguesas», realizada em 26 de setembro de 1909”, *A Mulher e a Criança*, n.º 8, novembro, 1909, pp. 13-14; “Pela Instrução – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 11/12/1909, p. 3; “Expediente da Liga – Acta da sessão em assembleia geral da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, realizada em 18 de novembro de 1909”, *A Mulher e a Criança*, n.º 9, dezembro, 1909, pp. 11-12; “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O País*, 01/12/1909, p. 2; “«A Obra Maternal»”, *A Mulher e a Criança*, n.º 9, dezembro, 1909, p. 15; “Pela Infância – A «Obra Maternal»”, *O Mundo*, 07/01/1910, p. 2; “Obra Maternal – Sarau no Teatro Etoile”, *O País*, 10/01/1910, p. 2; “Morreu Tomás Ferreira Manso”, *O País*, 01/02/1910, p. 1; “A derradeira homenagem – E sepultado Ferreira Manso – No cemitério falam a Sr.ª D. Maria Veleda e o Dr. Magalhães Lima”, *O Mundo*, 04/02/1910, p. 3; “Obra Maternal – o sarau de hoje, promovido pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 13/02/1910, p. 1; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 29/04/1910, p. 4; “Expediente da Obra Maternal”, *A Mulher e a Criança*, n.º 11, abril, 1910, p. 14; “Expediente da Liga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 11, abril, 1910, p. 12; “O Sarau da Obra Maternal”, *A Mulher e a Criança*, n.º 11, abril, 1910, pp. 4-6; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 01/05/1910, p. 2; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 02/05/1910, p. 2; “Na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 23/05/1910,

p. 2; “Expediente da Liga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 12, maio, 1910, p. 12; “Expediente da Obra Maternal”, *A Mulher e a Criança*, n.º 12, maio, 1910, p. 14; “Expediente da Liga – Cópia da acta da assembleia geral realizada em 28 de abril de 1910”, *A Mulher e a Criança*, n.º 13, junho, 1910, p. 12; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 05/08/1910, p. 5; “Acta da reunião de assembleia geral, realizada em 24 de julho de 1910, para revisão e modificação dos Estatutos”, *A Mulher e a Criança*, n.º 15, agosto, 1910, pp. 10-11; “Expediente da Liga – Acta da reunião de assembleia geral, realizada em 4 de agosto de 1910, para revisão e modificação dos estatutos”, *A Mulher e a Criança*, n.º 15, agosto, 1910, pp. 10-12; “Estatutos da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – Aprovados em assembleia geral de 24 de julho e 4 de agosto de 1910”, *A Mulher e a Criança*, n.º 15, agosto, 1910, pp. 8-9; “Mais moral e menos religião”, *A Mulher e a Criança*, n.º 15, agosto, 1910, pp. 4-5; “Expediente da Liga – Acta da reunião de assembleia geral, para a conclusão da revisão e aprovação dos Estatutos, em 4 de agosto de 1910”, *A Mulher e a Criança*, n.º 16, setembro, 1910, pp. 10-11; “Plebiscito”, *A Mulher e a Criança*, n.º 16, setembro, 1910, p. 11; “Vida Republicana – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 16/09/1910, p. 3; “Na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – Uma Conferência sobre a Escola Racional”, *O Mundo*, 19/09/1910, p. 2; “A Mulher e a Criança”, *Revista Pedagógica*, n.º 155, 29/09/1910, p. 3; “Expediente da Liga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 17, outubro, 1910, pp. 11-12; “Vida Republicana – Professores Republicanos”, *O Mundo*, 21/10/1910, p. 2; “Reclamações Feministas – A Liga Republicana das Mulheres em acção”, *O Mundo*, 27/10/1910, p. 3; “Expediente da Liga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 18, novembro, 1910, pp. 10-12; “Expediente da Obra Maternal”, *A Mulher e a Criança*, n.º 18, novembro, 1910, p. 12-13; “Representação entregue ao governo provisório da República, pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *A Mulher e a Criança*, n.º 18, novembro, 1910, pp. 9-10; “Um alvitre” [Sobre a enfermagem laica – Resposta a Maria Veleda], *O Mundo*, 07/12/1910, p. 2; “Expediente da Liga – Plebiscito”, *A Mulher e a Criança*, n.º 19, dezembro, 1910, pp. 9-12; “Expediente da Liga”, “Dr. Manuel de Arriaga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 19, dezembro, 1910, p. 2; “Representação entregue ao governo provisório da República, pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (conclusão)”, *A Mulher e a Criança*, n.º 19, dezembro, 1910, pp. 7-8; “Comissão de propaganda feminista”, *A Mulher e a Criança*, n.º 20, janeiro, 1911, p. 11; “Plebiscito”, *A Mulher e a Criança*, n.º 20, janeiro, 1911, p. 11-12; “Lei da protecção às crianças”, *A República Portuguesa*, n.º 80, 02/01/1911, p. 3; “A Obra Maternal. Conferência com o Sr. Dr. Afonso Costa”, *O Mundo*, 08/01/1911, p. 2; “Registo Civil Obrigatório”, *A República Portuguesa*, n.º 117, 19/02/1911, p. 1; “Expediente da Liga – Relatório”, *A Mulher e a Criança*, n.º 21, fevereiro, 1911, pp. 10-11; “Expediente da Liga – Relatório apresentado pela comissão da Obra Maternal em assembleia geral de 19 de janeiro de 1911”, *A Mulher e a Criança*, n.º 21, fevereiro, 1911, pp. 13-15; “Expediente da Liga – Plebiscito”, *A Mulher e a Criança*, n.º 21, fevereiro, 1911, p. 16; “Sufrágio feminino”, *A Folha*, 19/03/1911, p. 2; “Feminismo”, *A Folha*, 26/03/1911, p. 3; “Expediente da Liga”, *A Mulher e a Criança*, n.º 22, março, 1911, pp. 8-9; “Sufrágio feminino”, *A Mulher e*

a Criança, n.º 22, março, 1911, pp. 6-7; “Última hora”, *A Mulher e a Criança*, n.º 22, março, 1911, p. 12; “Expediente da Liga – Uma reunião animadíssima”, *A Mulher e a Criança*, n.º 23, abril, 1911, p. 11; “Sobre a lei eleitoral”, *O Tempo*, n.º 19, 03/04/1911, p. 1; “A grande manifestação ao Ministro do Interior pelo Professorado Primário”, *O Tempo*, n.º 21, 05/04/1911, p. 1-2; “O voto das mulheres”, *A República Portuguesa*, n.º 155, 07/04/1911, p. 1; “A união do professorado livre”, *República*, 14/04/1911, p. 2; “A reforma da Instrução Primária”, *A República Portuguesa*, n.º 164, 18/04/1911, p. 1; “Sufragistas”, *A República Portuguesa*, n.º 165, 19/04/1911, p. 1; “Os professores primários do ensino livre escolhem os seus candidatos às Constituintes e vão esta tarde entregar uma representação ao Ministro do Interior”, *O Tempo*, n.º 44, 28/04/1911, p. 2; “O professorado livre”, *República*, 28/04/1911, p. 2; “Em quem vota a primeira eleitora? Nos Drs. Afonso Costa, Teófilo Braga, Bernardino Machado e Magalhães Lima – Outras declarações curiosas que faz a Sr.ª D. Carolina Beatriz Ângelo”, n.º 49, *O Tempo*, 03/05/1911, p. 1; “Professores de ensino livre – Missão de Propaganda”, *O Tempo*, n.º 52, 06/05/1911, p. 2; “Professores de ensino livre”, *O Tempo*, n.º 53, 07/05/1911, p. 2; “Professores do ensino livre – Sessão de Propaganda para justificação e defesa das suas reivindicações”, *República*, 08/05/1911, p. 2; “Um caso de justiça”, *O Mundo*, 08/05/1911, p. 2; “O direito de voto”, *A Folha*, 21/05/1911, p. 2; “Os professores de ensino livre”, *O Tempo*, n.º 69, 23/05/1911, p. 1; “Professores primários de ensino livre”, *O Tempo*, n.º 71, 25/05/1911, p. 3; “As conquistas do feminismo”, *O Tempo*, n.º 73, 27/05/1911, p. 3; “Expediente da Liga – O Grupo das Treze inicia os seus trabalhos”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, maio, 1911, p. 11; “Expediente da Liga – «A Mulher e a Criança» – «A Madrugada»”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, maio, 1911, pp. 11-12; “Dr.ª Carolina Beatriz Ângelo”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, maio, 1911, pp. 2-3; “Grupo das Treze”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, maio, 1911, pp. 5-7; “Professores de ensino livre”, *República*, 01/06/1911, p. 1; “Livres-Pensadoras – O jantar das 13”, *República*, 01/06/1911, p. 1; “Os direitos da mulher”, *A Folha*, 04/06/1911, p. 2; “Mais uma sessão de propaganda dos professores de ensino livre”, *República*, 09/06/1911, p. 2; “Professores primários de ensino livre”, *República*, 27/06/1911, p. 2; “Duas vitórias do feminismo”, *A Folha*, 23/07/1911, p. 1; “Pró-Pátria”, *A Folha*, 25/08/1912, p. 1; “Expediente da Liga e «Obra Maternal»”, “Missão de Propaganda”, *A Madrugada*, n.º 1, 31/08/1911, p. 2; “Representação”, *A Folha*, 08/09/1912, p. 3; “Pela Imprensa – A Madrugada”, *Revista Pedagógica*, n.º 190, 14/09/1911, p. 2; “Um comício em Vila Franca – A propaganda da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 18/09/1911, p. 3; “Alfabetismo e República”, “Expediente da Liga”, “Bulletin pour l'étranger – Un comice féministe”; “Política de traição”, *A Madrugada*, n.º 2, 30/09/1911, pp. 1-2; “Carolina Beatriz Ângelo”, *A Folha*, 05/10/1911, p. 3; “Vida Republicana – A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 27/10/1911, p. 2; “Congresso do Partido Republicano”, *O Mundo*, 31/10/1911, p. 1; “Doutora Carolina Beatriz Ângelo”, *A Madrugada*, n.º 3, 31/10/1911, pp. 1-2; “Os Mortos – Homenagem à memória de D. Carolina Beatriz Ângelo – No Cemitério dos Prazeres espargem-se flores sobre o seu atafúe – Na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas preferem-se palavras de saude”.

O Mundo, 04/11/1911, p. 3; “Doutora Carolina Beatriz Ângelo – A inauguração do seu retrato”; “A Obra Maternal”; “Emancipação da Mulher”; “Congresso do Partido Republicano”; “Bulletin pour l’étranger – La représentation de la «Ligue des Femmes» au dernier Congrès du Parti Républicain”, *A Madrugada*, n.º 4, 30/11/1911, pp. 1-2; “Grupo das Treze”; “Expediente – Assembleia Geral da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *A Madrugada*, n.º 5, 31/12/1911, pp. 2-3; “Tutoria da Infância – Um interessante relatório do Dr. Pedro de Castro – O que é a Federação Nacional dos Amigos e Defensores das Crianças – A obra da República”, *A Pátria*, 12/01/1912, p. 1; “A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – Entrega de uma mensagem ao Dr. Alexandre Braga”, *A Pátria*, 25/01/1912, p. 2; “O amigo das mulheres”, *A Folha da Tarde*, n.º 6, 27/01/1912, p. 1; “Maria Veleda”; “Direitos da Mulher”; “Expediente da Liga – Relatório”, *A Madrugada*, n.º 6, 31/01/1912, pp. 1, 3; “Expediente da Liga – Relatório da «Obra Maternal»”, *A Madrugada*, n.º 7, 29/02/1912, p. 3; “A Coeducação e o Preconceito”; “Os conspiradores”; *A Madrugada*, n.º 8, 31/03/1912, pp. 1-2; “Carta aberta ao Sr. Dr. Horta e Costa – Sobre o julgamento da proxeneta Encarnação que se realiza hoje pelo meio-dia”, Suplemento de *A Madrugada*, n.º 8, 16/04/1912; “O voto da mulher – Uma sentença favorável”, *O Tempo*, n.º 46, 30/04/1911, p. 1; “Uma megera”; “O nosso sarau”; “Grupo das Treze”; “Assembleia Geral”; “Representação ao Parlamento, pedindo a criação de uma lei proibitiva da venda de tabaco e bebidas alcoólicas a menores”; “Solidariedade Feminina”, *A Madrugada*, n.º 9, 30/04/1912, pp. 1-3; “Secção doutrinária – “Uma história vulgar – A Liga contra a prostituição”, *A Folha*, 19/05/1912, pp. 2-3; “Uma simpática instituição – A Obra Maternal”, *A Pátria*, 25/05/1912, p. 1; “O Sarau da Obra Maternal” [Representação da comédia-drama *A Lei* de autoria de Maria Veleda], *O Século*, 25/05/1912; “Obra Maternal” [notícia e foto das crianças acolhidas pela Obra Maternal, a favor das quais se realizou a representação da comédia-drama *A Lei*], *O Século*, 26/05/1912; “Propaganda contra a venda de tabaco e bebidas alcoólicas a crianças”, *A Madrugada*, n.º 10, 31/05/1912, p. 2; “As mulheres portuguesas podem votar”, *A Folha*, 07/06/1912, p. 1; “Mais uma sessão de propaganda dos professores de ensino livre”, *República*, 09/06/1911, p. 2; “A lei eleitoral – O projecto que se discute só como uma lei de ocasião se poderá aceitar – di-lo à «Pátria» o Sr. Dr. Magalhães Lima, que defende o voto das mulheres e dos militares”, *A Pátria*, 26/06/1912, p. 1; “Professores primários de ensino livre”, *República*, 27/06/1911, p. 2; “Esperemos...”; “Sufrágio feminino em Portugal?”, “O primeiro aniversário do «Grupo das Treze»”; “Representação ao Parlamento pedindo a criação de uma lei proibitiva da venda de tabaco e bebidas alcoólicas a menores”, *A Madrugada*, n.º 11, 30/06/1912, pp. 1-3; “O Mundo Marcha – As Socialistas Portuguesas desejam por enquanto o direito ao voto, continuando entretanto a propaganda do seu programa partidário – diz-nos a socialista D. Margarida Marques”, *A Pátria*, 06/07/1912, p. 1; “Pró-Pátria – Em sessão permanente pela Pátria e pela República”, *A Pátria*, 19/07/1912, p. 2; “A lei eleitoral – «Sou partidário do voto concedido às mulheres, mas com restrições», diz-nos o Sr. Dr. Anselmo Xavier”, *A Pátria*, 24/07/1912, p. 1; “A derrota de Couceiro”; “Representação entregue ao Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, em 6 de julho de 1912,

e lida em sessão de 8 do mesmo mês”; “As mulheres portuguesas podem votar”; “Expediente da Liga”, *A Madrugada*, n.º 12, 31/07/1912, pp. 2-4; “Na Liga Republicana das Mulheres – Homenagem às escritoras D. Alice Moderno e D. Maria Evelina de Sousa”, *O Mundo*, 16/8/1912, p. 2; “O nosso Aniversário”; “A corda bamba da política”; “Conferências de propaganda feminista”; “Homenagem da Liga a Alice Moderno e Evelina de Sousa”; “Uma jornada triunfal – As mulheres do norte aclamam entusiasticamente o ideal democrático”, *A Madrugada*, n.º 13, 31/08/1912, pp. 1-3; “O caso do Liceu Maria Pia”; “Pró Pátria”; “Mulheres Feias”, *A Madrugada*, n.º 14, 30/09/1912, pp. 2-3; “Cinco de Outubro”; “O feminismo deles”, *A Madrugada*, n.º 15, 31/10/1912, p. 3; “Expediente da Liga”; “Ecos do Estrangeiro”; “Escola Infantil da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, “Feminismo”; *A Madrugada*, n.º 16, 30/11/1912, pp. 2-4; “Lista para a eleição dos corpos gerentes da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas em 1913”, *A Folha*, 26/01/1913, p. 3; “Tabaco e Alcool”; “Expediente da Liga – Assembleia Geral”; “Assembleia Geral – Relatório”; “Maria Veleda – A conferenciada – A escritora – A Delegada da Tutoria da Infância” [do jornal *A Folha*], *A Madrugada*, n.º 18, 31/01/1913, pp. 1, 2, 4; “A prostituição”; “A propósito duma «piada» anarquista”; “O Congresso Feminista Internacional de 1913”; “Tu Quoque?...”; “Postais de Propaganda Feminista”; “Expediente da Liga”, *A Madrugada*, n.º 19, 28/02/1913, pp. 1, 3, 4; “Palavras do Dr. António José de Almeida na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”; “Sarau da Obra Maternal”; “Conferência de propaganda feminista”, *A Madrugada*, n.º 20, 31/03/1913, pp. 1, 2, 4; “Uma festa grandiosa em honra do Sr. Presidente da República”; “Obra Maternal”; “Pró-Instrução”, *A Madrugada*, n.º 21, 30/04/1913, pp. 1, 2, 3; “A Obra Maternal” [notícia e foto do sarau promovido pelo Grupo Dramático da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas], *O Século*, 27/06/1913; “O voto da mulher”, *A Folha*, 17/08/1913, p. 1; “A Imprensa Feminina em Portugal”; “A sessão do Teatro da República, em 4 de outubro, promovida pela L.R.M.P. e dedicada ao Chefe de Estado”, *A Madrugada*, n.º 27, 30/10/1913, pp. 1-2, 3; “A Obra Maternal”; “Mais um triunfo do feminismo”, *A Madrugada*, n.º 28, 30/11/1913, pp. 2, 3; “A viúva de Felizardo Lima” [Aos Srs. Deputados da Nação]; “A Macaca” [tradução de Alphonse Daudet por Maria Veleda]; “Ecos do Estrangeiro”; “Lista das sócias propostas pela Direcção para comporem os corpos gerentes da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, no ano de 1914”; “A Obra Maternal”; “Expediente – A nova sede da Liga”; “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – Assembleia Geral”; “Obra Maternal – Assembleia Geral”, *A Madrugada*, n.º 29, 31/12/1913, pp. 1-4; “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *A Pátria*, 27/01/1914, p. 2; “Assembleia Geral da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”; “Obra Maternal – Relatório da Obra Maternal relativo ao ano de 1913”; “Pela Instrução”; “Escola Solidariedade Feminina”, *A Madrugada*, n.º 30, 31/01/1914, pp. 1-4; “Obra Maternal”; “Ecos do Estrangeiro”, *A Madrugada*, n.º 31, 28/02/1914, p. 3; “Obra Maternal – O Sarau em Benefício da Obra”; “Escola Solidariedade Feminina”; “Ecos do Estrangeiro”, *A Madrugada*, n.º 32, 31/03/1914, pp. 3-4; “Teatro da Trindade – 4 de julho de 1914, às 21 horas – Benefício da Obra Maternal”; “Liga contra o analfabetismo”; “Melhoras”, *A Madrugada*, n.º 34, 30/06/1914, pp. 3-4; “Récita no Tea-

tro da Trindade – em benefício da Obra Maternal”, *A Folha*, 02/08/1914, p. 3; “Maria Veleda”; “Obra Maternal”; “Expediente da Liga”, *A Madrugada*, n.º 35, 31/08/1914, pp. 2, 4; “Expediente da Liga – Reunião conjunta da Liga e da Obra Maternal”; “Subscrição em favor de uma sócia da Liga”; “A propósito da conflagração europeia”; “Uma bandeira para os soldados portugueses”; “Movimento da Obra Maternal durante agosto e setembro”; “A visão do juiz de Colmar” [tradução de Alphonse Daudet por Maria Veleda], *A Madrugada*, n.º 36, 31/10/1914, pp. 2-4; “Obra Maternal”; “Agasalhos para os nossos soldados”; “A nova sede da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”; “Assembleia Geral”; “A «Obra Maternal» – A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas” – Um sarau dramático – «Único Amor» por Maria Veleda” [da *Revista Pedagógica*, de Ponta Delgada], *A Madrugada*, n.º 37, 31/12/1914, pp. 1-3; “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”; “O masculinismo”; “A exploração das varinas”; “Plebiscito”; “Ó da Guarda!”; “Um conflito”; “Expediente”, *A Madrugada*, n.º 38, 31/01/1915, pp. 1-4; “Expediente”; “Ecos do Estrangeiro – Mulheres na guerra”; “Dr. Afonso Costa”; “Obra Maternal – Plebiscito”; “Assembleia Geral”, *A Madrugada*, n.º 39, 09/03/1915, pp. 2-4; “Vida política – Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 18/03/1915, p. 3; “Educação Feminina”, *O Mundo*, 10/06/1915, p. 3; “Bando Precatório – a favor das famílias das vítimas da revolução de 14 de maio”; “As crianças que trabalham”; “Obra Maternal”, *A Madrugada*, n.º 41, 31/07/1915, pp. 1, 2; “Pró-Infância”; “Expediente”; “Ecos do Estrangeiro”; “Obra Maternal”, *A Madrugada*, n.º 42, 30/09/1915, pp. 1, 3, 4; “Vida Republicana” [fundação da Associação Feminina de Propaganda Democrática], *O Mundo*, 02/10/1915, p. 1; “Festa de Homenagem ao Presidente da República” [“Representação da Comissão Instaladora da Associação Feminina de Propaganda Democrática”, *O Mundo*, 05/10/1915, p. 5; “Vida Republicana – Associação Feminina de Propaganda Democrática”, *O Mundo*, 08/10/1915, p. 3; “Vida Republicana – A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, *O Mundo*, 21/10/1915, p. 2; “Afonso Costa”, *O Mundo*, 01/11/1915, p. 1; “Mausoléu França Borges” [subscrição entre as sócias da Associação Feminina de Propaganda Democrática], *O Mundo*, 06/11/1915, p. 1; “Vida Republicana” [aprovação de sócias da Associação Feminina de Propaganda Democrática], *O Mundo*, 06/11/1915, p. 2; “Vida Republicana – Associação Feminina de Propaganda Democrática – Reunião da Comissão Instaladora”, *O Mundo*, 04/12/1915, p. 4; “Vida Republicana – Associação Feminina de Propaganda Democrática – Assembleia Geral e aprovação de Estatutos”, *O Mundo*, 13/12/1915, p. 1; “Ecos e Notícias – Mulheres Republicanas”, *O Mundo*, 16/12/1915, p. 1; “No funeral de França Borges – Os Oradores na Tribuna do Cemitério [...]” [fot.], *O Mundo*, 21/11/1915, p. 1; “Uma festa republicana – A Associação Feminina de Propaganda Democrática realiza a sua sessão inaugural no Centro Republicano Democrático”, *O Mundo*, 03/01/1916, p. 3; “Mulheres Republicanas”, 12/01/1916, p. 3; “A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, 13/01/1916, p. 4; “Vida Republicana – Associação Feminina de Propaganda Democrática”, *O Mundo*, 19/01/1916, p. 2; “Uma carta – Pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”, 19/01/1916, p. 4; “A Associação Feminina de Propaganda Democrática – Carta de Augusta Ravasini”, *O Mundo*, 20/01/1916, p. 4; “Vida Re-

publicana – Associação Feminina de Propaganda Democrática” [eleição dos Corpos Gerentes], *O Mundo*, 24/01/1916, p. 2; “Propaganda Patriótica – As conferências e sessões de ontem – No Centro Republicano Democrático”, *O Mundo*, 17/04/1916, p. 2; “Sessões de Propaganda Patriótica – Associação Feminina de Propaganda Democrática”, *O Mundo*, 05/05/1916, p. 2; “Sessões de Propaganda Patriótica – Associação Feminina de Propaganda Democrática”, *O Mundo*, 07/05/1916, p. 3; “Vida Republicana – Associação Feminina de Propaganda Democrática”, *O Mundo*, 18/07/1916, p. 2; “Duas escritoras”, *A Semeadora*, n.º 24, 15/06/1917, p. 3; “D. Maria Veleda”, *A Semeadora*, n.º 24, 15/06/1917, p. 3; “D. Maria Veleda”, *Diário de Notícias*, 05/07/1917, 06/07/1917, 12/07/1917; “D. Maria Veleda”, *O Século*, 14/07/1917; “D. Maria Veleda”, *A Semeadora*, n.º 25, 15/07/1917, p. 3, n.º 26, 15/08/1917, p. 3, n.º 27, 15/09/1917, p. 2, n.º 28, 15/10/1917, p. 4, n.º 29, 15/11/1917, p. 4, n.º 30, 15/12/1917, p. 4, n.º 31, 28/04/1918, p. 4, n.º 32, 08/06/1918, p. 4; “Honroso Diploma – Centro Espírita «Luís Gonzaga» de Itapira-Brasil”, *A ASA*, n.º 6, junho, 1919, p. 87; “Uma carta interessante dirigida a Maria Veleda, de Gonçalves Correia”, *A ASA*, n.º 8, agosto, 1919; “Os nossos leitores”, *A ASA*, n.º 12, dezembro, 1919, pp. 181-182; “Grupo Luz e Amor – Sessão comemorativa do Natal ...”, *A ASA*, n.º 12, dezembro, 1919, p. 196; “Em toda a parte... – Institut Métapsichique International – Uma sessão de confraternização”, *O Futuro*, n.º 1, fevereiro, 1921, pp. 13-6; “Uma sessão de confraternização – Enlace Matrimonial”, *O Futuro*, n.º 2, março, 1921, pp. 15-16; “«Casa Assombrada» – Excerto do romance espírita a sair no prelo – original de Maria Veleda”, *O Futuro*, n.º 11, junho, 1923, p. 11; “Estatutos do Centro Espiritualista «Luz e Amor» – Festa promovida para angariação de fundos”, *O Futuro*, n.º 11, junho, 1923, pp. 12-14; “Casa Assombrada (Novela) por Maria Veleda”, *O Século*, 04/12/1923; “Grupo Editorial de «A Asa»”, *A ASA*, n.º 1, outubro, 1924, p. 4; “Récita a favor do cofre de propaganda e beneficência”, *A ASA*, n.º 2, novembro, 1924, p. 8; “Distribuição de brinquedos às crianças internadas no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana”, *A ASA*, n.º 2, novembro, 1924, p. 25; “A Vanguarda Espírita”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 1, 14/04/1926, pp. 3-4; “Casa Assombrada por Maria Veleda – Algumas apreciações da Imprensa”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 3, 14/07/1926, p. 47; “O 3.º Aniversário do Centro Luz e Amor” [número especial dedicado à Federação Espírita Portuguesa], *Ecos do Além*, 15/07/1926, pp. 88-89; “Para o Natal das criancinhas”, *A Vanguarda Espírita*, n.º 1, novembro, 1927, p. 4; “Esboço biográfico de Maria Veleda”, *A Província de Angola*, 30/04/1939; “D. Maria Veleda”, *Estudos Psíquicos*, março-abril, 1943, p. 320; “O Centro Espiritualista Luz e Amor presta homenagem ao saudoso General Passaláqua, grande vulto do Espiritismo em Portugal” [salienta o discurso de Maria Veleda lido pelo neto Pedro da Franca], *Estudos Psíquicos*, n.º 3, janeiro, 1944, p. 79; “Ontem e Hoje – A acção que coube às Mulheres na preparação do movimento de ideias que levou à Implantação da República” [fot. de Maria Veleda], *Diário de Lisboa*, 04/10/1948, pp. 1, 4; “As Repúblicas em 1910 contavam-se pelos dedos”, *Diário de Lisboa*, 04/10/1948, pp. 1, 4; “A República e a situação jurídica da Mulher”, *Diário de Lisboa*, 04/10/1948, p. 5; “Uma sobrevivente da propaganda e da Revolução de 5 de Outubro” [entrevista a Maria Veleda], *Diário de Lis-*

boa, 04/10/1948, p. 5; “A obra dos Centros Republicanos – Foi daqui, das janelas do Centro Republicano da Ajuda que Maria Veleda viu surgir vitoriosa nas mãos do Povo a «sua» querida bandeira da República”, *República*, 31/12/1951, pp. 16, 17, 24; “A prestigiosa propagandista republicana, professora e escritora D. Maria Veleda que hoje completa 84 anos de idade, lembra ao repórter da «República» alguns episódios da sua vida política”, *República*, 26/02/1955, p. 1; “Os 84 anos de D. Maria Veleda, Ilustre Senhora que é o verdadeiro exemplo de virtudes cívicas”, *República*, 26/02/1955, p. 5; “Faleceu em Lisboa a escritora algarvia Maria Veleda”, *Correio do Sul*, 14/04/1955, pp. 1-4; “De Luto – D. Maria Veleda”, *Diário de Lisboa*, 10/04/1955; “D. Maria Veleda”, *Diário de Notícias*, 09/04/1955; “Dona Maria Veleda”, *Luz e Caridade*, maio, 1955; “Faleceu a antiga professora e propagandista da República D. Maria Veleda”, *O Primeiro de Janeiro*, 09/04/1955; “Uma nobre figura de mulher. D. Maria Veleda professora e publicista que exerceu uma notável acção na propaganda da República, faleceu aos oitenta e quatro anos e o seu funeral, civil, realizou-se esta tarde para o Cemitério Oriental”, *República*, 09/04/1955, p. 1, 12; “D. Maria Veleda. No funeral da ilustre professora e propagandista democrática incorporaram-se muitas senhoras e fizeram-se representar os Centros Escolares Republicanos”, *República*, 10/04/1955; “Centros Republicanos, Instituições ao serviço da cultura popular”, *República*, 21/02/1974, pp. 3, 19; “O «DL» Recorda – Nesta Casa trabalhou Magalhães Lima”, *Diário de Lisboa*, 09/01/1979, pp. 3-4; “Do Outro Mundo... Maria Veleda – pôs o nosso jornal em contacto com os espíritos, a propósito do Congresso que os espíritas portugueses inauguram amanhã”, *Diário de Lisboa*, 28/04/1980, p. 11 [Fac-símile do número avulso do *Diário de Lisboa* de Terça-Feira, 12 de maio de 1925]; “Manter a Esperança Viva. Mulheres que dão o nome a Ruas de Carnide”, Lisboa, Junta de Freguesia de Carnide, s.a.

[N. M.]

Maria Carolina Pereira

Atriz. Era filha do professor João Félix Pereira, médico cirurgião, professor de Matemática e História Cronológica e Geográfica, no Liceu Normal e publicista com vasta obra publicada, que nunca aceitou a vocação cénica da filha. Maria Carolina era muito bonita, inteligente, tinha uma educação esmeradíssima, sabia Inglês e Francês e, embora fosse um pouco ciciosa, dizia muito bem. Foi para o teatro para conseguir meios para a sua independência económica, quando saiu de casa dos pais por problemas familiares. Estreou-se no Teatro D. Maria II, a 19 de novembro de 1876, em *A Cigarra*, *vaudeville* em 3 atos, de Meilhac e Halévy, adaptação de Acácio Antunes e Machado Correia, e *Entre as Formigas*. Embora fosse acolhida com uma pateada ao pisar o palco, no final do espectáculo foi chamada à cena três vezes. Transitou, sucessivamente, para os Teatros dos Recreios e Ginásio, em Lisboa, depois Baquet, no Porto, quando este era dirigido pela Em-

presa Emília Adelaide. Veio para o Teatro D. Maria II, onde representou *A Morgadinha de Valflor* (1879), drama em 5 atos de Pinheiro Chagas, com Carolina Falco* e Ana Pereira*; *O Segredo de Miss Aurora* (1880), drama em 5 atos, tradução de R. da Câmara, no benefício da atriz Virgínia*; *O Tio Padre*, comédia em 2 atos, imitação de Baptista Machado; *A Vida de um Rapaz Pobre* (1881), de Octavio Feuillet, tradução de Annaya, no Teatro dos Recreios; *Suicídio*, drama em 5 atos de Paulo Ferrari, tradução de Delfim Noronha (pseudónimo de Guiomar Torrezão), estreada no Teatro dos Recreios em 1881. Aqui representou, também, *Demi-Monde* (1882), de Alexandre Dumas, filho; *A Alegria da Casa*, tradução de Salvador Marques; *O Fogo no Convento* (1883), tradução de J. A. Lopes; e *Cabeça de Vento*, de Theodore Barrière e Edmond Gondinet, traduzido de *Tête de Linotte*, no Teatro da Trindade. Foi para o Ginásio e, sob a direção de Leopoldo de Carvalho, fez a festa artística com a primeira representação de *Sua Excelência* (1884) de Gervásio Lobato, com desempenho magnífico; entrou em *Mosquitos por Cordas e Oiros, Copas, Espadas e Paus* (1885), comédia, em seu benefício. Deixou a cena pouco tempo depois do pai falecer e de receber a herança que lhe pertencia. Casou com o professor de equitação João Gagliardi.

Bib.: Américo Lopes de Oliveira, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão, Editores, 1981, p. 1031; António Sousa Bastos, *Dicionário do Teatro Português*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1908, p. 205; Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal. Dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico*, Vol. II, Lisboa, João Romano Torres – Editor, 1906, p. 602; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXI, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, p. 160; Guiomar Torrezão, *Ribaltas e Gambiarras*, Lisboa, 01/01/1881; Gustavo de Matos Sequeira, *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Vol. I, Publicação Comemorativa do Centenário 1846-1946, Lisboa, 1955; Rafael Ferreira, *Da Farsa à Tragédia – Teatros, circos e mais diversões de outras épocas*, Porto, Domingos Barreira Editor, 1943, p. 34; *Ilustração Portuguesa*, 18/10/1882; *Ilustração Universal*, Lisboa, maio, 1884; “Teatro – foi neste dia...”, *O Século*, 29/04/1961, p. 5.

[I. S. A.]

Maria Celina de Sant’Ana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt de Sauvayre da Câmara

Maria Celina de Sauvayre da Câmara, foi assim que assinou a sua narrativa de viagem, nasceu no Funchal a 1 de setembro de 1857 e morreu em Lisboa, Travessa do Ferreiro à Lapa, n.º 5, no dia 21 de fevereiro de 1929, sendo sepultada no Cemitério dos Prazeres. Era filha de João Sau-